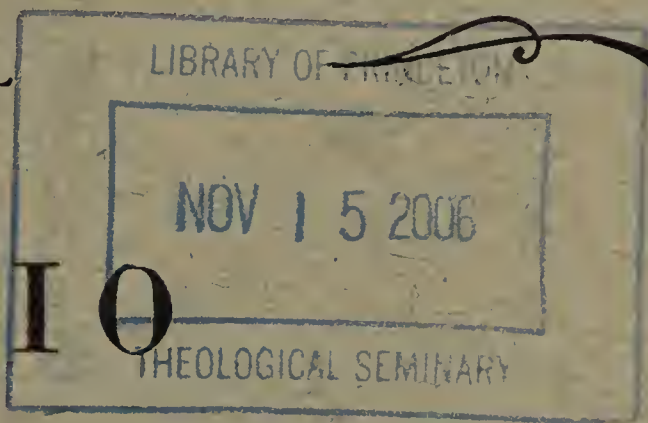




LAP
Revista Internacional
do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL



S U M Á R I O

2 de Novembro	<i>Redação</i>
Milagres do Espiritismo	<i>Leopoldo Machado</i>
Trinta Anos Entre os Mortos	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
A Obra de Geley	<i>Ismael Gomes Braga</i>
A Verdade Profética	<i>J. B. Chagas</i>
Fenômenos de Materialização	<i>Amadeu Santos</i>
O Dever dos Pais	<i>Djalma Farias</i>
Livros e Autores	<i>Leopoldo Machado</i>
Os Animais perante a Doutrina Es- pírita	<i>Carlos Imbassahy</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

2 de Novembro



A morte é, para a maioria das criaturas, para aquelas que desconhecem ou que não querem aceitar a existência de um mundo espiritual e a sobrevivência individual, o mais cruciante problema da vida. E por isso, não se conformam com a morte de um ser querido, consumindo muitas vezes a sua existência em inúteis lamentações banhadas de lágrimas. Dão à morte a mais fúnebre expressão, rebaixando o amor de Deus, que não faz distinções e que não quer a morte do ímpio, mas que êste se converta e entre na posse da vida eterna. As missas a granel, as constantes visitas aos túmulos, os cultos exteriores e os preceitos de suas religiões não conseguem estancar-lhes as lágrimas e abrir-lhes a porta da esperança. Pelo contrário, trancam a esperança num túmulo de mistérios e impedem a germinação da fé nos corações, obumbrando a luz da Verdade.

No dia consagrado aos mor-

tos, 2 de Novembro, as necrópoles são o melhor testemunho da falta de fé da maioria dos que visitam os túmulos dos seus entes amados. Imprecações, chôros, velas acesas constituem um dos espectáculos mais pungentes da vida humana, da falta de fé em Deus, da falta dos conhecimentos relativos à vida espiritual.

O Espiritismo, entretanto, veio dar outro sentido ao chamado *dia dos mortos*, que passa a ser *dia dos vivos*, porque aqueles que são tidos como mortos é que são os verdadeiros vivos, visto que já se libertaram da escravidão da matéria e entraram na posse da verdadeira vida — a espiritual. Mortos são os que ainda estão no túmulo da matéria, sofrendo e chorando no justo resgate de faltas contraídas em encarnações passadas.

Dois de Novembro deve ser, portanto, um dia de grande júbilo pela alegria que devemos sentir por se haver libertado do *túmulo terreno* um ente ou amigo querido, convertendo as nossas lágrimas em

satisfação e agradecimento a Deus.

Confortando os aflitos, dando fé e esperança aos descrentes e desalentados, o Espiritismo está oferecendo a todos os que desejem ser realmente felizes, a Espada da Verdade para que possam bradar com S. Paulo: «Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?»

Passamos a transcrever o seguinte facto destinado a fortalecer a fé daqueles que ainda duvidam da imortalidade da alma e, que porisso, temem a morte:

Mensagem Espírita confirmada pelo Almirantado Inglês

Psychic News

Persuadido a assistir, contra sua inclinação, a uma sessão de voz directa, com um médium de reputação internacional, o Comandante A. B. Campbell, que tem difundido experiências psíquicas pela radio emissora, obteve excelentes provas da sobrevivencia.

Ele publicou uma delas em «John Bull» e esse jornal deu o relato sem comenta-lo.

Campbell disse como, em referida sessão, o medium lhe descreveu primeiro o chefe de maquinas e depois o capitão do mesmo navio. Campbell salvou-se quando o vapor foi a pique, três anos antes, mas os outros pereceram no naufrágio. Em presença do chefe de maquinas (espírito) com quem ele viajara por mais de dez anos, Campbell não conseguia lembrar-se do nome desse ofi-

cial — até que o nome foi proferido pelo mesmo homem «morto».

«Nomeia um companheiro que tenha perecido contigo», pediu Campbell.

«Collins, Collins... tu sabes... o comandante», replicou a voz.

«Encontraste muitos colegas de bordo no Outro Mundo?» perguntou Campbell.

«Sim, um grupo», foi a resposta. «Eles muitas vezes falam dos acontecimentos passados.»

Em seguida Campebell citou o nome de um grumete, a quem fôra muito afeiçoado. Esse rapaz dormia em seu alojamento quando o navio sossobrou e Campbell estava certo de sua morte. Ele perguntou especialmente pelo rapaz.

«Grande foi o meu espanto», declara Campbell, quando a voz disse: «Mas, o rapaz não morreu, ele está no teu mundo... internado num manicômio perto de Rochester.»

Esta terrível notícia abalou-me profundamente. Tomei nota para informar-me no dia seguinte.

A voz enfraquecia e o médium explicou ter sido a primeira tentativa do espírito para falar por aquele modo.

«Asseguro unicamente que reconheci a voz do falecido chefe de maquinas, pelo timbre, pronunciado acento escocês e certos traços característicos de expressão.»

Dia seguinte, Campbell foi colher informações no Almirantado e soube que o grumete em questão, fôra recolhido, severamente ferido, a algumas milhas do teatro do naufrágio.

A cabeça apresentava um ferimento grave e os médicos concluíram que não recuperaria a razão. O grumete continúa internado num manicômio perto de Rochester.

O Espiritismo é uma luz que partiu de Deus para iluminar as almas que palmilham o escaldante deserto da vida terrena. Ninguém poderá extinguir essa luz, e logo a vereis aumentar em todas as direções, para que a Verdade levante a sua cátedra em todos os cérebros e corações. Aumentai também os vossos esforços na sua difusão dentro do espírito de humildade, trabalho e tolerância, e ficai certos de que o Senhor da Seára nada vos deixará faltar. — CAIRBAR.

Milagres do Espiritismo

Crônica de
LEOPOLDO MACHADO

DE milagres não cuida o Espiritismo, de vez que o milagre, como se concebe por aí, a dentro de religiões sectaristas, seria a derrogação das leis divinas. E o Espiritismo não veio para pregar a derrogação das leis de Deus, mas para dar-lhe cumprimento. Sendo êle a própria volta do Cristo, em doutrina e obras, ao Planeta, claro que só deve agir e exemplificar como o Messias, «que não veio destruir a Lei, mas dar-lhe cumprimento».

Se emprestarmos, entretanto, ao vocábulo *milagres* o sentido de *maravilhas*, nenhuma doutrina mais cheia de maravilhas e milagres do que o Espiritismo. Quem isto escreve poderia, de sua parte, assinalar vários milagres que do Espiritismo recebeu, sem carecer de mandar, a título de *reclame*, a folhas religiosas nenhum Cr. \$2,00 e 5,00 pelas graças recebidas!... O milagre de sua espiritualização, por tratar-se de alguém com instintos grosseiramente materializados; e o de sua aproximação racional de Deus, cuja crença houvera perdido ás portas da igreja e com a leitura da Biblia, são bem os dois maiores que recebemos dêle. A par, entretanto, de nossa reforma interior e do conhecimento, com a abstração de milagres, dogmas e mistérios, da obra de Deus, o Espiritismo é, no *maré-magno* dessas sessenta e tantas religiões e desses milhares de credos e seitas que por aí vão, afastando, cada vez mais, os homens, a única Doutrina que realiza obras de amor ao próximo, tão grandes que nem adversários de senso — e quão poucos desses agridem o Espiritismo! — podem negá-las!

Quem são, socialmente falando, os espíritas? Gente simples, humilde, de pequeninos recursos, que consagra à Doutrina o tempo roubado ao seu repouso, a seus divertimentos, a seus lazeres! E até ás atividades honestas de que retira sua subsistência! Que lhe consagra, porque não póde nem deve fazer da Doutrina um meio fácil de vida, recursos sonogados a necessidades cotidianas, aos prazeres que se compram! Gente que encontra na sua Doutrina seu melhor divertimento, e quasi que a razão mesma de sua própria existência! Pois é essa gente que, pedin-

do aquí, arregimentando-se alí, trabalhando acolá, vai, de uns dois decênios a esta parte, creando no Brasil escolas aquí, construindo hospitais e asilos alí; edificando albergues e maternidades de que se nos enviou fotografia.

Ilustremos estas razões sinceríssimas com uma comparação ligeira, que tomamos ao *Talmud* de empréstimo, para que reflitam sôbre ela os corações que apellam para o nosso, os corações maternos que, em idênticas circunstâncias, choram, desesperados, os filhos mortos.

Um grande senhor déra a servos de confiança joias de subido valor, pérolas inestimáveis para as guardarem, sem avisá-los do dia e hora certos de rehavê-los. Mas, chegados a hora e o dia de tanto, o grande senhor exigiu que os servos lhas entregassem. Poderiam, acaso, os depositários dos valores do Grande Senhor negar-lhos? E com que direito o fariam, se eram apenas depositários delas? Negar-lhos, seria um contrasenso, um crime passível de punição em nome da justiça.

Tu, desesperado coração de mãe, que para nós apelas, e vós, corações de mães que blasfemais contra Deus, por vos arrebatar os filhos, estais todas no lugar dos servos que não quiseram entregar ao Grande Senhor —, que é Deus — as pérolas, as joias que vos foram confiadas, os vossos filhos! Crede que antes deles vos pertencerem, já pertenciam a Deus, que os fez, de cujo poder saíram! Antes de serem vossos filhos, eram já filhos de Deus. Fostes vós que os fizestes? Não, que a tanto não ascende o poder e a sabedoria humana! Somos pais quando o queremos? Se assim fosse, quem isto escreve, ao em vez de andar á lidar, como educador, dos filhos alheios, estaria a lidar com os próprios filhos! Assim, os filhos são, apenas, legados que Deus nos confiou, são pérolas preciosas ou joias de altíssimo valor, que o Grande Senhor de tudo quanto existe confia à guarda de criaturas de Sua confiança, até o dia e a hora que desejar e quiser rehavê-las! Nada de passá-las, a falsos pretextos, às mãos de outrem! E menos ainda de chorar, em desesperos blasfematórios, sua morte, que a sua restituição a seu verdadeiro

dono, que é Deus. Não nos pertencemos, porque somos de Deus. Se nem perante as leis humanas os filhos são mais propriedades dos pais—que já não têm direito de vida e morte sobre eles; que já nem podem espancá-los à vontade, que lhe não permitiriam as leis modernas. Se os filhos não são propriedade dos pais perante as leis dos homens, quanto mais perante as leis de Deus!

Lisonjeados vos deveis sentir, por

Deus vos armar em depositários de joias e pérolas, que são os vossos filhos! Esta confiança, quem isto aqui põe, não inspirou a Deus que lhe não quis confiar tais pérolas e joias! Portanto, somos bem mais intelizes do que vós.

Meditai, pais extremosos que nos ouvís ou ledes, no que aí fica, meditando, paralelamente, na vossa atitude de desesperos e, depois, resolvi por vós mesmos!

Paz, Luz e Fé.

Trinta Anos Entre os Mortos

© Autor: Dr. Carl A. Wickland ©

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Não raros são os casos de amnésia em que ocorre total lapso de memória, perde-se toda noção de identidade e a vítima erra por estranhos lugares, voltando, depois, ao seu estado normal, sem qualquer conhecimento de suas recentes ações.

Possuimos bastante demonstrações de que tal estado é frequentemente devido a influência de espíritos obsessores. Um deles foi o do jovem C. B., que logo depois que montou um negócio juntamente com seu pai, levantou-se cedo, certo dia, e deixou o lar, sem conhecimento dos seus progenitores. Não se achou nenhum rasto dele e, após várias semanas de ansiedade, nos pediram os pais que fizéssemos uma sessão para orientá-los.

Assim fizemos, dizendo-lhes, porém, que o moço não deixaria de escrever-lhes. De facto, na manhã seguinte chegou a carta, narrando que estava a bordo de um navio de guerra norte americano no porto de S. Francisco, que se havia alistado na Marinha e que estaria ausente por vários anos.

Os pais do rapaz queriam, todavia, que ele voltasse para casa e lhe escreveram a respeito, dizendo que tudo fariam para obter a sua liberdade.

Dia antes da sessão, C. escreveu a seus pais para que nada fizessem acerca da sua baixa, porque estava disposto a servir até a sua desincorporação.

Feita a sessão em benefício de C. B., manifestou-se um espírito que deu in-

dicação de ter sido a causa das recentes ações daquele moço.

Sessão de 13 de dezembro de 1923

Espírito: John Edwards—Paciente: C. B.

Quando cantávamos «Throw out the Life Line» um interessante episódio ocorreu. Quando a inteligência se incorporou na Sra. Wickland, fazia gestos com as mãos, como se puxando uma corda, e depois os movimentos de natação.

Médico: — Estais puxando a corda de salvação? Estivestes navegando? Onde viestes? Não precisais nadar em terra firme. Que se passa convôco?

Espírito: — Isto é o que estou precisando saber.

Méd. — Ha quanto tempo morrestes?

Esp. — (Para a assistência): Ele me chama de morto. Não estou morto, nem vivo também.

Méd. — De onde viestes?

Esp. — Uma porção de gente me trouxe para aqui.

Méd. — Quem vos trouxe para cá?

Esp. — Um punhado de gente.

Méd. — Mas não a vejo.

Esp. — Não sei o que quer comigo. Quero é estar no mar.

Méd. — Navegastes muito?

Esp. — Sim.

Méd. — Porque quereis ir para o mar? Estivestes a bordo muitas vezes?

Esp. — Algumas vezes.

Méd. — E não querieis então desembarcar?

Esp. — Não quero ser caranguejo de

terra. Estava pronto para embarcar, mas vós me puzestes em terra. Não sei porque me desembarcaram.

Méd. — Morrestes afogado?

Esp. — Se estou aquí, como posso ter morrido?

Méd. — Mas o vosso espírito poderia estar aquí.

Esp. — Quereis dizer a alma?

Méd. — Sim.

Esp. — Bem, neste caso estaria ela com Deus.

Méd. — Onde está Deus?

Esp. — Se não sabeis ainda, deveis então ir à Escola Dominical.

Méd. — Já fui, mas nada aprendi allí.

Esp. — E' que não fostes a uma boa escola.

Méd. — A qual delas devo eu ir?

Esp. — Têm muitas denominações; não são todas iguais, mas sabem ensinar a respeito de Deus.

Méd. — A que igreja ieis?

Esp. — Vou a qualquer igreja. Não pertenco a nenhuma delas. Quando se está no mar e não se póde ir à igreja, assiste-se apenas ao serviço religioso.

Méd. — De que igreja gostais mais?

Esp. — São todas parecidas; é questão de forma. Todas pertencem a um só Deus e ensinam que há um céu e um inferno, bem como que Jesus morreu pelos nossos pecados. Como vêdes, se assim é, tanto podeis pertencer a uma como a outra. Todas veneram Deus, de modo que não faz diferença.

Méd. — Sois um homem de idéias liberais.

Esp. — Não sei se sou ou não. Nem sei mesmo que espécie de homem sou. Tinha minha religião lá a meu modo. Ia às vezes à igreja para que o Comandante me visse.

Méd. — Em que classe de navio estivestes embarcado?

Esp. — De todos os tipos.

Méd. — Sois um marinheiro comum?

Esp. — Era da Marinha.

Méd. — Podeis dizer em que ano?

Esp. — Nem sei em que ano estamos.

Méd. — Não sabeis em que ano?

Esp. — Não.

Méd. — Estamos em 1922?

Esp. — Não, não é esse o ano.

Méd. — Qual é então?

Esp. — 1912.

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— XV —

Depois de compreendermos a realização da perfeita consciência, como consequência fatal do progresso através dos milênios, colhendo conhecimentos e adquirindo experiências num rosário imenso de encarnações, cumpre estudar a realização da justiça perfeita. Diz Geley:

«A realização da soberana justiça está assegurada com certeza absoluta, matemática, na concepção palingenésica.

«O indivíduo consciente, nunca sendo senão o que se fez no curso de sua evolução, na série inensa de representações, tudo quanto entre para o campo de sua consciência realizada é sua própria obra, fruto de seu trabalho, de seus esforços, de seus sofrimentos ou de seus gozos.

«Cada um de seus atos, bons ou

maus, felizes ou desditosos, cada um de seus pensamentos tem uma repercussão forçosa, tem reações inevitáveis em uma ou outra de suas existências.

«Essa é a ação da justiça imanente, ação fatal, iniludível. A justiça imanente começa a manifestar-se, mais frequentemente, no próprio curso de uma vida tomada isoladamente, porém, então, é muito raro que seja equitativa. Contemplada de maneira assim restrita, ela nos parece falível e sumamente desproporcionada.

«Ao contrário, numa série suficientemente longa de existências, torna-se perfeita, matematicamente perfeita. As contingências felizes ou desgraçadas contrabalançam-se com segurança, e já não permanece, como resultado certo, no ativo do indivíduo, senão o resultado de sua conduta.

«A justiça imanente não é só individual : é também coletiva.

«E' coletiva por causa da solidariedade essencial das mônadas individuais. Graças a esta solidariedade essencial, as reversões do consciente para o inconsciente nunca são reversões exclusivamente individuais.

«As aquisições conscientes e a transformação dos conhecimentos em capacidades são fatalmente coletivas em uma medida que ainda não podemos analisar, porém certa.

«Da mesma sorte que os atos individuais têm repercussão inevitável, ainda que indefinida, sobre as condições vitais de tudo o que pensa, de tudo o que vive, de tudo o que existe, assim é assegurada uma espécie de colaboração geral na evolução, graças à qual todo esforço no sentido indicado pela lei moral ou toda violação desta lei, tem sua reação coletiva além de sua reação individual.

«Não é ocioso insistir sobre este ponto : Não há responsabilidade exclusivamente individual por qualquer ato, bom ou mau, como não há, também, punição dêsse ato exclusivamente individual.

«Tudo o que se faz, tudo o que se pensa, de bem ou de mal, tudo o que se traduz por uma impressão emotiva, um gozo ou uma dôr, em qualquer indivíduo, repercute em todos e todos o assimilam. Eis porque os atos de um indivíduo ou de uma coletividade, de uma família, de uma nação ou de uma raça, não se podem apreciar simplesmente sob o ponto de vista dêsse indivíduo ou dessa coletividade.

«Não ha decadência nem progresso que não sejam solidários. Sem dúvida a solidariedade coletiva, na aparência, vai decrescendo da família à pátria, da pátria à raça, da raça à humanidade, da humanidade ao Universo; mas essas repercus-

sões assim decrescentes, por graus, nas representações, permanecem integrais na essência constitutiva das coisas.

«Daí se segue que os cálculos egoístas por parte dos indivíduos, das famílias, das nações são pura aberração.

«A grande lei de solidariedade tem sido, em todos os tempos, proclamada pelos grandes filósofos e pelos grandes moralistas.

«Sua voz não encontrou éco. Possa a demonstração científica exercer maior influência sobre a miserável humanidade !»

A seguir, Geley refuta todas as objeções apresentadas contra a palingenésia e demonstra que ela realiza a justiça soberana. Encerra o capítulo citando a opinião de Charles Lancelin, do livro «A Reencarnação»:

«Se por desgraça não houvesse sido instituída por Deus, se houvesse sido excluída da realidade das coisas, o homem, só pelo facto de havê-la imaginado, ter-se-ia mostrado maior e melhor do que Deus !»

Efetivamente, o Universo seria uma monstruosidade, uma pirâmide de injustiças incompreensíveis, se não existisse a lei fatal das existências sucessivas que permitem a realização da justiça perfeita na eternidade da vida. Quanto à doutrina da solidariedade universal, tão brilhantemente defendida por Geley, estamos muito longe de vê-la na prática entre as nações. E' difficilimo ao homem materialista penetrar em tais verdades invisíveis, quando tudo lhe dá a ilusão da inexistência dessa solidariedade. E' necessário que a evolução e a dor façam sua obra durante séculos e milênios, para que essa solidariedade universal seja entendida por todos.

A MORTE

Já vistes a borboleta de asas multicores despir a informe crisálida, invólucro da lagarta repugnante? Já a vistes, essa que no chão se arrastava, agora solta, livre, voejar ao calor do sol, por entre o perfume das flores? Não há imagem mais fiel para o fenómeno da morte. O homem também é uma Crisálida que a morte decompõe. O corpo humano, vestimenta de carne, volta ao grande monturo; o nosso miserável despôjo torna ao laboratório da Natureza; mas o espírito, depois de completar a sua obra, lança-se para uma vida mais elevada, para essa vida espiritual que sucede à vida corpórea, como o dia sucede à noite, e assim separa cada uma das nossas reencarnações. Firmes nestes princípios, nunca mais temeremos a morte. — LÉON DENIS.

A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— VI —

— «Sabe, pois, isto, que nos últimos dias virão uns tempos perigosos...» (II-Tm. 3:1);

— Mas, os que perseverarem até o fim «não serão confundidos no tempo mau, pelo contrário, serão fartos nos dias da fome». (Ps. 36:19).

Perpassando o olhar pelas profecias bíblicas, como vimos fazendo, verificamos que elas nos advertem dos tempos maus de crises e perplexidades, os quais, precisamente, são estes que estamos vivendo, sem tirar nem pôr.

E' sempre bom, para objeto de estudo, cotejar — diz Paulo a Thimoteo:— «Sabe, pois, isto, que nos últimos dias virão tempos perigosos. Haverá homens amantes de si mesmos, avaros, altivos, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus pais, ingratos, malvados. Sem afeição, sem paz, caluniadores, de nenhuma temperança, deshumanos, inimigos dos bons. Traidores, protervos, orgulhosos e mais amigos dos deleites do que de Deus. Tendo, por certo, uma aparência de piedade, porém negando a virtude dela. Foge também destes tais. Mas os homens maus e impostores levarão a pior, errando, e mettendo a outros em erros». (II-Tm. 3:1 a 5 e 13).

E no Livro dos Provérbios, encontramos êste sábio conselho: — «Não te inquietes por ser rico, mas põe termo à tua prudência. Não ergas os teus olhos para umas riquezas que tú não podes ter; porque elas tomarão azas como de águia e voarão para o céu». (Prov. 23:4/5).

Ainda Paulo nos legou esta não menos sábia advertência: — «Porque os que querem fazer-se ricos caem na tentação, e no laço do diabo, em muitos desejos inúteis e perniciosos, que submergem os homens no abismo da morte e da perdição». (I. a Tm. 6:9).

O que vemos nos dias que passam sinão uma ambição imoderada em adquirir riqueza, não escolhendo os meios, nem os modos, pelo muito amor ao dinheiro, nêsse propósito indigno, que jamais devia se aninhar no coração de um sêr humano. Todavia, não devemos confundir, os nobres e dignos motivos quanto ao fazer-

se economia legítima para prosperar com o fim de assegurar a própria subsistência e da família — para não ser pesado a ninguém — como acentuou Paulo — «cada um levará o seu próprio fardo». (Gal. 6:5).

«Com a sabedoria edifica-se a casa, e com o entendimento se estabelece; e pelo conhecimento encher-se-ão as câmaras de todas as riquezas preciosas e deleitáveis.» (Prov. 24:3/4).

Quando alguém se descuida da previsão, começam, a esse alguém, surgir uma série de males que, a seu tempo, se manifestarão em reproches, etc. Sendo sóbrios e prudentes, encontraremos na beneficência, na filantropia, porque não existe outra coisa que dê mais gôzo ao coração do que o prazer de fazer os outros felizes, que assim procedendo sabem que «Deus pode fazer abundar em vós toda a graça, atim de que, tendo sempre toda a suficiência em tudo, abundeis em toda a bôa obra... Porque Deus ama ao que dá alegremente.» (II-Cor. 9:8 e 7, última parte.)

O Apostólo Tiago, refere-se também em sublime previsão dos tempos que estamos vivendo: — «Eis agora, vós ricos, chorai, dando urros por causa das desgraças que hão-de vir sôbre vós. As vossas riquezas estão corruptas, as vossas vestes estão roídas pela traça. o vosso ouro e a vossa prata estão enferrujados, e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e devorará a vossa carne como um fogo. Entesourastes nos últimos dias. Eis que o salário que defraudastes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e as vozes dos ceifeiros têm chegado aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Tendo vivido em delícias sobre a terra e vos tendes regalado, tendes cevado os vossos corações no dia do morticínio. Tendes condenado e matado o justo; êle não vos resiste». (Thi. 5:1/6).

A avareza e o desejo insaciavel de conseguir riquezas, a instituição dessa espécie de comércio clandestino, que se cognominou chamar de *cambio negro*, sendo os seus praticantes, classificados de *tubarões*, com a ausência absoluta do sentimento de afeto e de compaixão para com

o próximo, juntamente com o mais absoluto desprezo pelo direito dos semelhantes, constituem esses outros fatores que vêm contribuindo para arrojarem sobre o mundo a terrível carga de sofrimento e miséria, como jamais se presenciou na história dos povos civilizados e cujos sinais precursores estamos observando.

A respeito desses momentos angustiosos, disse Jesus: «Desfalecerão os homens de medo e pela expectativa das coisas que sobrevêm ao mundo; pois as potestades dos céus serão abaladas.» (Lucas 21:26.)

Mas, como uma consoladora esperança, dizem-nos as Escrituras que *os iníquos serão ceifados e os justos herdarão a terra!*...

— «Os braços dos pecadores serão quebrados», porque «os pecadores perecerão, mas os inimigos do Senhor, tanto que tiverem sido honrados e exaltados, faltarão e se desvanecerão como o fumo.» (Ps. 36:17 e 20.)

Nem tudo, todavia, estará perdido. Há para os justos o grande recurso da oração e da vigilância.

— «Velai, pois, sobre vós, para que não suceda que os vossos corações se façam pesados com as demasias do comer e do beber, e com os cuidados desta vi-

da, e para que aquele dia vos não apañhe desprevenido». Vigiai, pois, orando em todo o tempo, a-fim-de que vos façais dignos de evitar todos estes males que teem de suceder e de vos apresentardes com confiança diante do Filho do Homem». (Lucas 21:34 e 26).

«Porque aquêle que permanecer perseverante na oração — é outra consoladora esperança — terá a sua alma redimida — «O Senhor remirá as almas dos seus servos, e todos os que esperam nêle não perecerão». (Ps. 33:23).

Então, «os justos herdarão a terra e deleitar-se-ão em abundância de paz; herdarão a terra, e morarão sobre ela por todos os séculos!» (Ps. XXXV-a-II).

* * *

O crente espírita, ciente e consciente destas verdades escriturísticas, tem o imperioso dever de perseverar na oração e na vigilância, para que o dia mau o encontre prevenido, com as luzernas bem acesas! (Ps. XXXII-21/2).

E que assim seja.

Paz e luz, para todos.

(Continua).

© Fenômenos de Materialização ©

XXII

Sessão extraordinária, em benefício de uma pessoa enfêrma, na segunda-feira, no dia 29 de Dezembro de 1947, sob a minha presidência. Cantado o hino e feita a prece inicial, declaro aberta a reunião. Faz-se uma consulta ao Alto, atendendo-nos, solícito, um dos amigos espirituais do Grupo.

O médium Lins recolhe-se ao gabinete. Não se tendo feito a leitura de uma página sobre a Doutrina, início os labores da segunda parte, fazendo uma preleção a respeito das finalidades das nossas sessões de efeitos físicos, comentando os resultados práticos, objetivos, que já têm colimado, positivamente, as referidas reuniões. E ainda não tinha concluído a minha esplanção quando, uma entidade espiritual, materializada, surge no ambiente. Era o espírito de Moisés Douck que,

assim, vinha mais uma vez dar-nos sua preciosa cooperação. O José Grosso vem agora encher a casa de consoladora animação, tagarelando no seu timbre característico. Atende a inúmeros pedidos dos assistentes, procurando agradar a todos, pondo os seus valiosos préstimos a serviço de doentes, familiares ou não. A jovem Dulce Santos é convidada a orar em intenção dos portadores de enfermidades corporais, desobrigando-se a contento. E' cantado, por todos, o hino «Celeste Amigo». A senhorinha Dulce de Fátima Oliveira lembra a frase evangélica do dia, de sua meditação que o Professor Newton de Barros comenta com o seu reconhecido poder de dedução espiritual. Firma-se um ambiente de bem-estar indefinível. O Vicente Viola desobriga-se do inefável dever de proferir uma prece.

E' cantada a «Canção Materna» durante o que se dá a materialização do Fidelinho, apresentando a conformação física de uma criança. Aparição inopinada, junto da Dulce Fátima de Oliveira, daí acompanhando o cântico até ao seu término, quando se dirigiu a vários assistentes, notadamente às nossas irmãs Lais e Lenice, recuando, então, até perto da cabine, colocando-se, antes de desaparecer, no meio da mesa que aí se acha.

Lenice Teixeira Dias faz um belo comentário acerca dos ensinamentos que Moisés nos trouxera na sessão anterior. E'-nos dado apreciar um interessante fenómeno de explosão de luz multicolor, girando em semi-círculo. Foi cantado o hino «Entardecer». O José dirige-se agora à jovem Maria Luiza Pontes que, embora tendo permissão para participar das nossas sessões de efeitos físicos, raramente a elas empresta a sua colaboração, premida por impedimentos de força maior. Suas palavras são repassadas de ternura e carinho, fazendo-lhe curiosas revelações do pretérito... A «baianinha», como é conhecida a estimada componente da Juventude Espírita «Abel Gomes», agradece-lhe, emocionada, as referências lisongeiras. Maria Madalena de Oliveira profere como-vida prece. O generoso «Velho» Flitz, materializado, faz belíssima exortação evangélica e ministra eflúvios espirituais às nossas irmãs Madalena, Emilia e Lais. O hino da Mocidade Espírita «Abel Gomes» é cantado pela assistência. A Lais faz uma preleção ligeira a propósito das enormes responsabilidades dos componentes do «André Luiz». Os nossos guias espirituais avisam-nos de que chegamos a termo, recomendando-me fosse despertar o médium. A reunião é declarada encerrada depois de proferida a prece final.

Sessão ordinária de Assistência Espiritual, de sábado, dia 3 do corrente mês, presidida pela Lais Teixeira Dias. Proferida a prece inicial e declarados abertos os trabalhos, passa a fazer-se alguns instantes de recolhimento espiritual para a consulta ao Alto. Vem falar-nos um amigo do outro plano da vida, através da mediunidade de incorporação de um dos nossos médiuns, que nos faz prudentes recomendações para o bom desempenho das atribuições a cada um de per si e de todos os cooperadores do plano físico, nas tarefas benfazejas da ofi-

cina de André Luiz, acabando por nos prevenir de que os trabalhos correntes seriam demorados e que tarde apareceriam os primeiros fenómenos de efeitos físicos, de vez que o maior empenho, nesta noite, dos cooperadores do plano espiritual, estava no facto da assistência ao médium de materialização, cuja saúde física consideravam comprometida.

A Lais proeede à leitura do capítulo «Materialização» do livro mediúnico. «Os Missionários da Luz», aliás já lido e comentado em sessão anterior, mas oportunissimo, devido ao alcance dos ensinamentos correlatos aos deveres dos participantes de tais reuniões.

O Dr. Lauro Salles, uma bôa palavra moça a serviço da Doutrina, desincumbe-se aiosamente do encargo de tirar as primeiras ilações da leitura da noite. O Ferreira faz, com elevação e sentimento, uma fervorosa rogativa.

O «Hino Entardecer» é cantado em côro. O capitão Antonio Leite preleciona atento e inspirado. Hilda Chaves de Almeida ora por sua vez, com manifesto sentimento espiritual. E' cantada a melodia «Almas Gêmeas». Cabe-me fazer um comentário sôbre a lição, em que me detive cerca de quinze minutos. Durante a minha preleção, Moisés materializa-se, permanecendo silencioso enquanto eu falava, recomendando, depois, que alguns companheiros enfermos tomassem assento ao pé do gabinete, afim de receberem a necessária assistência espiritual. Todos apreciaram os cuidados dispensados pela entidade materializada aos nossos irmãos incarnados, destacados para receberem os benefícios de que eram carentes.

A Lais, com a palavra, chama-nos à atenção para a análise das pesadas responsabilidades que pesam sôbre os nossos ombros em face das imensas graças celestes com que temos sido aquinhoados. João de Deus, materializado, vem à assistência e atende a vários companheiros enfêrmos.

Em seguida todos cantam o hino «Celeste Amigo». Volta o José Grosso a falar-nos, por voz direta, respondendo a um aluvião de perguntas feitas por mais de um assistente.

João de Deus retorna, materializado, ao recinto, percorrendo toda a sala e indo tocar a nossa irmã Madalena, agradecendo esta, a Jesus, numa prece comovida, os benesses espirituais recebidos

Cantamos então a suave melodia, «Canção Materna», aparecendo nessa ocasião, materializado, o espírito de Nina Arneira, que assiste ao Jacques, fala à Lais e distribúe fluídos pelos irmãos Dulce Santos e Inocencio Noronha Dias.

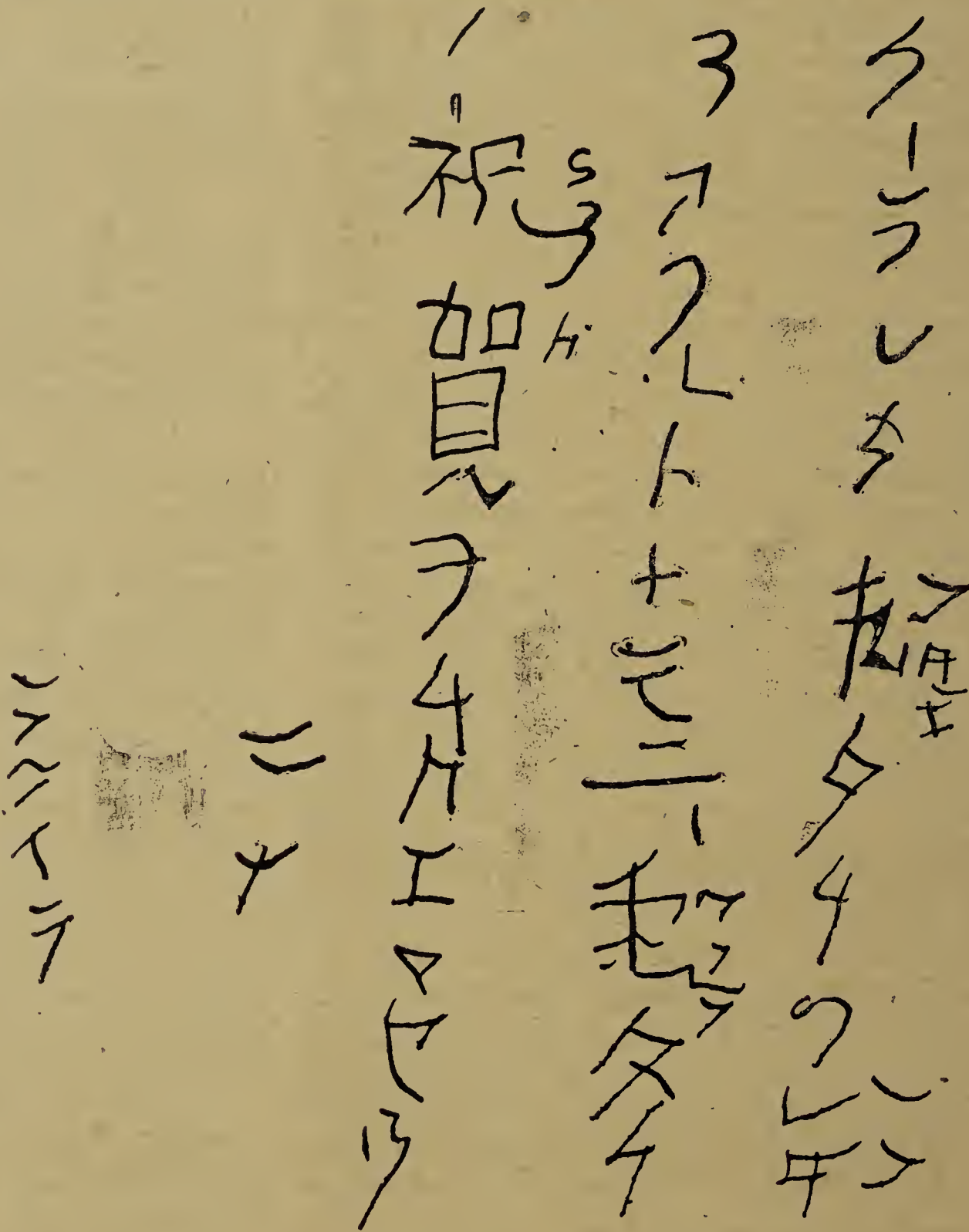
O Major Ismael Pinto ora fervorosamente, pedindo a proteção de Jesus para todos os sofredores da Terra e do Espaço. São notados ligeiros fôcos de luz multicor. O incansável José Grosso avisa-nos de que Scheila e Tongo acabavam de deixar-nos algumas mensagens, por meio de escrita direta, uma das quais em japonês, adiantando que Tongo também havia desenhado a caricatura de uma componente da Mocidade «Abel Gomes» cujo nome figurava no sopé do desenho, em japonês. E' cantado o hino da Mocidade «Abel Gomes» cujo acompanhamento foi feito pelos dois amigos da Espiritualidade, Scheila e Fidelinho, materializados simultaneamente. As duas referidas aparições distavam cerca de dois metros uma da outra.

O José fala-nos, ainda, atirando pedras no meio do salão. Maria José Leite profere uma prece e a Dulce Santos faz um ligeiro comentário acerca das seguintes palavras de Jesus: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida».

Cantam, todos, o hino «Pai do Céu». Garcês dirige-nos, por meio de voz direta, a sua palavra amiga e conselheira, prevenindo-nos de que estavamos na hora do encerramento das nossas atividades da noite, recomendando fosse eu acordar o médium, tarefa de que me desincumbi prazerosamente. Araci, o bonissimo espírito que tem grande soma das responsabilidades de nos orientar, do Alto, faz uma encantadora oração a Jesus. O Fi-

delinho recomenda cantemos «Almas Gêmeas», no que foi atendido, alegremente. Os trabalhos são declarados encerrados, precisamente às 23 horas.

No compartimento contíguo à sala encontramos as seguintes mensagens, de escrita direta, que muito nos impressionaram, notadamente a que está redigida em diagramas japoneses, cuja tradução foi logo providenciada:

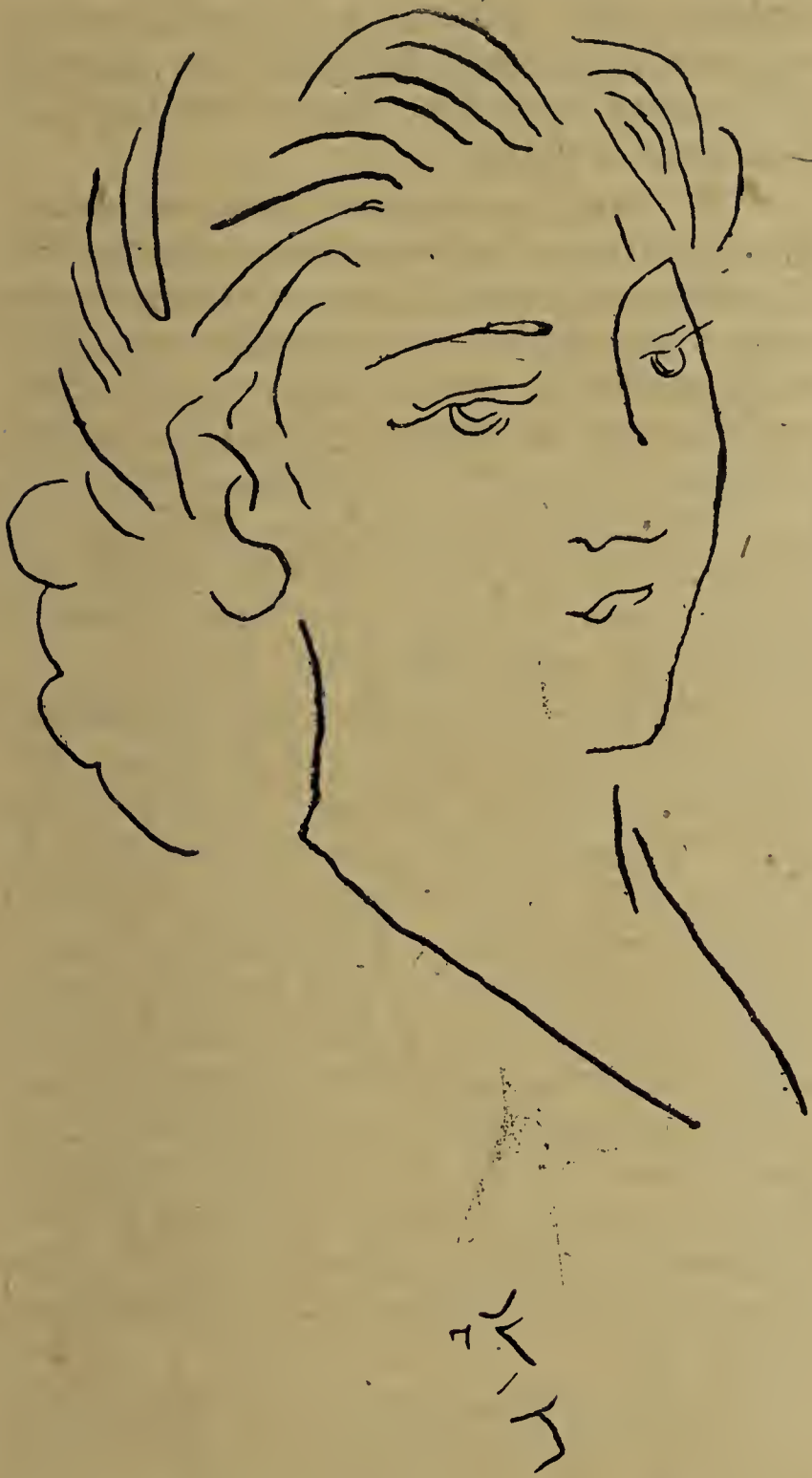


Mensagem em Japonês

«Dulcinha Santos»

Dulcinha, você precisa
Trabalhar para Jesus,
Que Êle te oferece luz
Que toda dor ameniza.

O pecado martiriza
E ao lôdo, à lama conduz,
Pois a quem êle seduz
No sofrimento eterniza.



A silhueta que aí está, é da juventina Deyse Jenneé e tem o seu nome escrito em japonês. Há profunda semelhança entre o desenho e a pessoa distinguida

E's joven e tens, em verdade,
A responsabilidade
De seguir o Espiritismo!

Recebe-o em teu coração,
Que é a grande revelação
Do singelo Cristianismo.

Beijos para você e peço-te transponhas êste soneto no teu album.

Scheilla.»

«DULCE»

Pratica o bem, fazendo a caridade,
Ama a Jesus, protege os sofredores,
Para que, eleita dos consoladores,
Seja feliz em toda a eternidade.

Tua «SCHEILLA.»

A mensagem em japonês, assinada por Tongo e Nina Arneira, é uma oferta desses generosos espíritos à minha filha Dulce, exortando-a e felicitando-a pela passagem do Natal e Ano Bom, desejando-lhe um ano novo cheio de venturas e de dedicação ao Evangelho de Jesus.

O casal de japonêses, amigo, de que me tenho valido para fazer a tradução das peças escritas em japonês, pôs-me a par da idéia da mensagem, mas confessou-me ser-lhe difícil fazer a tradução «ipse literes».

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1948.

Amadeu Santos.

O DEVER DOS PAIS

Djalma Farias

TENHO observado, com muito pesar, que a maioria dos pais espíritas não têm a preocupação e o devido cuidado de educar os seus filhos de conformidade com os princípios religiosos, morais e filosóficos da doutrina espírita, não se empenhando, dêsse modo e por isso mesmo, na formação da sua mentalidade, segundo o Espiritismo.

Os pais espíritas têm, incontavelmente, um grande dever a cumprir.

A eles, que já se encontram esclarecidos pela doutrina espírita, entregou a Providência, em boa hora, alguns espíritos ainda sujeitos às penas e às provas do nosso mundo, que se mostram desejosos de iniciar novos estudos sobre a vida espiritual, e que necessitam de uma assistência vigilante e carinhosa para ajudá-los a operar a sua própria transformação.

E', dessarte, bem grave a responsabilidade que pesa sobre os ombros dos pais espíritas.

Eles não podem nem devem dispensar aos seus filhos apenas a assistência material e os cuidados de uma boa educação intelectual. Não devem tratar os seus filhos apenas como criaturas humanas, cuidando dos seus corpos para torná-los fortes e sadios, sem se preocuparem com as suas almas, que bem merecem um tratamento especial.

Aos pais, que não são espíritas, estão afetos encargos menores, de pouco valor moral.

Julgam eles que a instrução que possam oferecer aos seus filhos e uma boa assistência material pelos cuidados com os seus corpos e com a sua saúde resumem tudo o de que eles precisam, de sorte que supõem que, com isso, estão quites com a sua missão e não têm mais nenhuma responsabilidade.

Com efeito, os pais não espíritas não podem fazer mais do que isso. Não podem dar mais do que têm.

Entretanto, os pais espíritas, que têm recebido muito mais, graças à luz que o Espiritismo lhes proporciona, precisam, também, dar muito mais.

Dispensar aos filhos toda a sorte de cuidados materiais, zelando sempre pela sua saúde, oferecendo-lhes a necessária instrução, é, na verdade, alguma coisa, mas não é absolutamente tudo o que os pais espíritas devem dar às criaturinhas que Deus colocou ao seu lado para receberem a orientação e a educação evangélica, evidentemente imprescindíveis aos seus espíritos.

O que infelizmente tenho podido observar é que a maioria dos espíritas não se volta para o lar com o interesse de imprimir à vida dos seus filhos e protegidos uma diretriz nitidamente cristã, para que eles, ao se tornarem adultos, possam ter a mentalidade e a compreensão do verdadeiro espírita.

Quasi sempre isso não sucede.

E vemos filhos de pais espíritas casarem-se na Igreja, voltarem-se, por convencionalismo social católico, para as cousas da religião romana, batizarem os seus filhos, desviando-se lamentavelmente dos métodos de vida e dos princípios da crença dos

velhos pais, sobre os quais pesa a enorme responsabilidade, e a grande culpa dos desvios dos seus filhos e dos seus netos.

E' preciso atentar bem no dever dos espíritas. Deles a Providência está exigindo muito mais de que dos outros em todos os sentidos, e principalmente de tudo o que se relaciona com os deveres materiais e, sobretudo, morais da família.

Desinteressar-se da sorte e do destino espiritual dos filhos é um crime de que não de prestar severas contas os pais espíritas.

Os lares espíritas estão recebendo espíritos de toda a categoria, uns que necessitam de carinho e amor para resgatar pesados compromissos, outros que têm desejo de melhorar as suas condições espirituais, abandonando aqueles velhos hábitos e caducas práticas religiosas que abraçaram no passado e, enfim, outros que escolheram, na erraticidade, a tarefa de prégar a verdade e trabalhar na seara espírita e precisam encontrar ambiente próprio para o desenvolvimento das suas superiores atividades.

Nestas condições é o lar espírita o mais indicado para receber os espíritos que estão despertando para o conhecimento da vida espiritual e não podem dispensar o auxílio moral mais ou menos eficiente dos seus pais, a quem está afeta a grandiosa missão de preparar ovelhas para o rebanho do sagrado e divino Pastor, que é N. S. Jesus Cristo.

Se os pais espíritas não se conduzirem de modo a dar aos seus filhos a orientação espírita e uma perfeita educação evangélica, podem ficar sabendo que faliram na sua missão, devendo voltar em novas existências para tentar experiências semelhantes.

Porque a educação intelectual, e a assistência material de toda a hora até os pais não espíritas e os materialistas e ateus sabem muito bem proporcionar aos seus filhos, que todos muito amam.

E' conveniente, pois, que todos nós espíritas compreendamos bem os nossos deveres não só materiais co-

mo morais, para que, no futuro, não tenhamos de que nos acusar e fiquemos com a consciência em paz.

Eduquem os espíritas os seus queridos filhos de acôrdo com os princípios espíritas, procurando plasmar na sua fisionomia espiritual a beleza dos ensinamentos evangélicos, para que eles se sintam bem, exemplificando as virtudes que identificam os verdadeiros discípulos de Jesus Cristo.

Não há quem possa, portanto, contestar a grandeza do dever dos pais espíritas, porquanto, do exato e fiel cumprimento dêsse dever está dependendo, entre nós, neste mundo, o futuro progresso, e desenvolvimento da Doutrina Espírita, única que pôde salvar a humanidade pelas consolações, pelos conhecimentos, pela verdade e pela luz que, em mancheia, distribue por toda a parte.

LIVROS E AUTORES

Leopoldo
Machado

MATÉRIA E ESPÍRITO — *Joviano Torres*, Rio.

Está se dando, atualmente, com o Espiritismo o que se deu, no século 2, com o Cristianismo.

Era na época de sua perseguição por parte dos cesares romanos, em nome da lei pagã.

A Igreja perseguida por toda gente, em nome do Paganismo, no Ocidente como no Oriente, não tinha protetores, nem amparo.

Os cristãos não faziam mal a ninguém. «Os únicos crimes deles — escrevia Plínio, o Mòço, governador da Bitínia ao grande Trajano — consiste em cantar seus hinos em honra a Cristo. Sua vida é pura e inocente».

E o grande antonino a seu subalterno: «Não se deve procurar os cristãos, mas, se forem acusados, é preciso condená-los à morte».

E foram acusados e condenados à morte, marcando tal morticínio a terceira perseguição aos cristãos.

Ora, diante de tal injustiça, houve consciências retas e inteligências puras que saíram a campo na defesa intelectual e filosófica do Cristianismo e dos cristãos.

Foram os apologistas.

Gente do paganismo, da cultura clássica, grego-romana, que não eram cristãos, que mal conheciam os Evangelhos.

Quadrato, um cidadão de Atenas, foi o primeiro: inicia uma defesa espontânea, inteligente e lógica do Cristianismo, endereçando-a a Adriano, em 125.

Aristides, filósofo grego, segue-lhe o exemplo, enviando defesa igual a Antonio Pio. E converte-se ao Cristianismo.

Justino, o S. Justino da Igreja, redige em Roma, a mais formosa e famosa defesa espontânea da Igreja nascente, em 153.

Atrás dos apologistas pagãos, surgem os cristãos, entre os quais, Tertuliano foi o maior. Sua frase célebre, «o sangue dos mártires é uma sementeira de cristãos» foi profética, visto como, século e meio depois, a Igreja do Cristo dominava no Império Romano.

Sente-se, agora, que dos meios profanos, acadêmicos e jornalísticos, filosóficos e científicos, outros tantos Quadratos, Aristides, Justino e Tertuliano estão fazendo a apologia do Espiritismo, espontaneamente, em livros e campanhas de jornal, apreciáveis.

A apologia em livros, mais importante, porque o livro fica.

E em menos tempo de sua difusão, porque o Espiritismo agora é que está fazendo 90 anos de codificado.

São os Monteiro Lobato, no seu *Antevéspera*; Urbano Pereira, no seu *NÓS E O UNIVERSO*. Anibal Vaz de Melo, nos dois grandes *A ÉRA DO AQUÁRIO* e *SINAIS DOS TEMPOS*. E' Escobar Azambuja em *Uma Nova Ciência*. E' Pedro Granja, no formoso e oportunistíssimo *AFINAL, QUEM SOMOS?* já em terceira edição. Agora, Joviano Torres em *MATÉRIA E ESPÍRITO*.

Isto, só para citar o que nos acodem, agora, à mente.

Gente até ontem, desconhecida nos meios espíritas, como espírita.

Gente que está levando a Doutrina para a Vida, para a cultura geral, para o domínio da cultura geral, acadêmica, ofi-

cial. Ou que está trazendo a cultura oficial para o Espiritismo, porque nêle se contém todas as coisas, que é tudo. Gente que está elaborando livros substanciosos com livre curso em todos os meios, visto como ninguém dirá, lendo suas obras, que está lendo obras espíritas. Contudo, é obra espírita, e da maior oportunidade, e a mais legítima, que estão fazendo.

São os apologistas do nosso século e do Espiritismo.

MATÉRIA E ESPÍRITO, de Joviano Torres, acaba de fazer nosso grande deleite espiritual e intelectual.

Um grande livro, no sentido exato do termo.

Um livro que se lê como se ascende num elevador: subindo sempre.

O autor, que é, como nós, evolucionista, pega a matéria nas suas formas primitivas, mais grosseiras e estuda-a através de todas as suas fases, até chegar a sua forma quintessenciada, puríssima, divina, o Espírito!

Ora, «se matéria é tudo quanto existe», como se vê em qualquer tratado de física, e o Espírito existe, é o Espírito a forma divina, quintessenciada e puríssima da matéria.

O livro, através de suas quasi 300 páginas macissas, compactas, trata da matéria através de todos os seus aspectos, estudando-a superiormente, exaustivamente, tratando com maior exatidão de conhecimentos e de lógica, do Espírito. De sua gênese, forma, vida, evolução, grandeza.

Todos os seus cinco longos capítulos transmitem-nos emoções e conhecimentos extraordinários. O VI, entretanto, para nós: «O Espírito e sua Milenária evolução no Seio Múltiplo do Cosmo», vale por si mesmo, um grande volume á porta.

Estudos apreciáveis, porque cheios de observações seguras e lógicas, são os que faz do Espiritismo comparado com outras religiões, e doutrinas filosófico-doutrinárias; do Espiritismo como doutrina social comparado com o comunismo. E o que faz sobre a missão da América, tema que também nós já abordamos em duas teses esgotadas.

Não entramos aqui em indagações particulares, a pontos-de-vista pessoais, que, haveria, certo, algo a discordar do autor. De resto, há no volume substan-

cioso e oportuno mais o que louvar do que discordar.

Não conhecemos o seu MATERIA.

A julgar, entretanto, pelo seu *Matéria e Espírito...*

E somos profundamente grato ao generoso autor, pelo volume que nos coube, com honrosa dedicatória.

BEZERRA DE MENEZES — *Dr. Didimo de Moraes, Vitória.*

O Espiritismo começa no Brasil, a interessar os moços e as crianças.

Os centros bem organizados e os espíritas mais esclarecidos vão criando escolas e Mocidades Espíritas, para a educação das crianças e a cristianização dos moços.

Faltam, agora, livros para auxiliarem a educação e a espiritualização das crianças e dos moços.

E, do gênero de livros próprios, as biografias romanceadas, pelo processo moderno dos grandes biografistas, afiguram-se-nos os mais aconselháveis.

Ensinar a Vida através da vida dos grandes vultos é, não ha negar, a melhor maneira de formar cérebros e corações.

Ora, se ainda não apareceram autores para tanto, vultos dignos de serem biografados é que, felizmente, não nos faltam, a dentro do Espiritismo.

Não ha Estado no Brasil em que o Espiritismo não tenha um grande vulto, seu pioneiro, cuja vida e cujos atos de sacrifício, trabalho, dedicação e renúncia devem ser conhecidos, principalmente dos moços e das crianças.

E o país já conta nomes e obras de espíritas que não temem competição.

Cairbar Schutel e Bezerra de Menezes são exemplos dos mais típicos.

Bezerra é, ainda, o espírito mais evocado em todo o país.

Dr. Didimo de Moraes enviou-nos interessante conferência que elaborou e proferiu em Vitória, no ato inaugural da séde própria do C. E. «Bezerra de Menezes», em Agosto do ano passado.

Lemo-lo de um sorvo.

E' que, além do mais, tudo que se diz e se escreve sobre Bezerra interessa-nos profundamente.

Raro o pregador espírita, o publicista espírita que já não tenha falado ou escrito sobre Bezerra de Menezes.

Não ha jornal espírita que já lhe não tenha publicado traços biográficos. E seu nome é o que, entre nós, empresta maior número de designação a centros espíritas.

Até nós já lhe elaboramos modesta biografia, para acentuar, sómente suas lutas no sentido de que, em seu tempo, houvesse entendimento e compreensão entre os espíritas, publicando nosso trabalho no jornal espírita de sua terra, A VOZ DO ALTO.

Mas, de quantos já trataram do grande espírita, de nosso conhecimento, ninguém excedeu, ainda, o Canuto de Abreu.

Aquarone tomou-lhe muita coisa de emprestimo para sua biografia de Bezerra. E também nós.

E Didimo de Moraes tomou ao Aquarone muita coisa, que, em nada, deslustra sua bela conferência, que não tire a preciosidade natural a seu grande trabalho.

A obra de Bezerra — *Espiritismo* — uma série de estudos assinados por Max, devia ser estudada por todos os espíritas de maior cultura e esclarecimento.

Princípalmente, pelos espíritas que se dizem mais o admirarem quasi o adorarem.

Recebemos, agora mesmo, de illustre confrade, presidente de um dos muitos centros espíritas com o nome glorioso de Bezerra: «Mande-me seus livros que são aquí, muito apreciados. Mas não me mande nada que elogie o Roustaing».

Ora, aquí citamos o fato para assinalar a incoerência: muitos confrades que

admiram o Bezerra, que fazem espiritismo á sombra de centro espírita com o seu nome, ignoram-lhe a obra. Principalmente, que Bezerra foi dos primeiros, e dos mais entusiastas roustanguistas que já tivemos:

Didimo de Moraes conhece-o bem. E por bem conhecê-lo, põe na sua excelente conferência o seguinte, escrito por Bezerra: «Eis que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da lei, que, em muitos pontos, vai além de Kardec, porque inspirado como este, mas, teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da humanidade. Roustaing confirma o que ensina Kardec, porém, adianta mais que êste. E', pois, um livro precioso, e sagrado o de Roustaing», etc.

Aquí não o dizemos para fomentar quisilias, que, se ha ou se houve assunto, dentro da Doutrina, que não nos tentaram, a questão do corpo do Cristo foi delas. Nem tampouco, para dizermos nossos pontos de vista a propósito, já conhecidos, de resto, por todos que os acompanham. Mas, apenas, para assinalar duas coisas: 1.^a, a incoerência dos que adoram Bezerra sem lhe conhecerem bem a obra; 2.^a, se as teorias do Roustaing são perigosas e erradas, não contribuíram para que, na Espiritualidade, o grande Espírito deixasse de ser o que é: o Espírito mais querido e procurado no Brasil!

A tése do Dr. Didimo de Moraes devia ser mais divulgada nos meios espíritas.

De nós, lhe ficamos muito grato pelo exemplar que nos coube.



Aos nossos distintos colaboradores

Em virtude dos inúmeros artigos em série que temos recebido ultimamente, e na impossibilidade de publicá-los, dada a escassês de espaço, avisamos aos nossos distintos colaboradores que só publicaremos artigos que possam ser publicados de uma só vez, salvo aqueles que façam descrição pormenorizada de factos e fenômenos espíritas.

Avisamos outrossim, que os originais devem ser dactilografados em uma só face do papel, em espaço n.º 2, com o máximo de 4 a 5 laudas em formato ofício.

A REDAÇÃO.

Os Animais perante a Doutrina Espírita

Tese apresentada pelo Dr. Carlos Imbassahy ao 1.º Congresso Espírita da Alta Paulista, realizado em Marília de 30 de Março a 4 de Abril de 1946. Esta tese, como não poderia deixar de ser, foi unanimemente aprovada. Publicando-a, como o autor, temos por objetivo esclarecer os estudiosos sôbre tão magno assunto.

UM dos assuntos mais difíceis e controvertidos em Espiritismo é o que se relaciona com os animais, visto que não se sabe ou não se póde explicar a razão dos seus sofrimentos. Surgem, então, umas tantas teorias em contraposição aos factos, como por exemplo, a de que os animais não sofrem, ou têm evolução diferente da do homem, ou não têm alma, ou não têm inteligência, ou não têm vontade, ou não reencarnam, ou não sobrevivem. E destarte pensam acomodar a situação, despercebidos todos de que estabelecem uma lacuna enorme em a natureza, fazem empalidecer os princípios evolutivos, deixam dúvidas quanto à obra e a justiça divinas e estabelecem regras em absoluto desacôrdo com a realidade. E quaisquer que sejam as nossas doutrinas, elas se tornarão insustentáveis se os factos as desmentirem.

I — Não ha dúvidas que os animais, pelo menos os de sangue, demonstram sofrimento. Pode-se afirmar que «nem todos possuem sangue de barata.» Tudo nos está a indicar que existe o sofrimento nos animais, e êste sofrimento cresce à proporção que o animal sobe na escala zoológica, para se tornar no mamífero, em sua parte física igual ou quasi igual ao do homem, conforme demonstram a observação e a experiência.

Se, ao animal que está acostumado a apanhar pancada, um cachorro ou um gato, mostramos um chicote ou o ameaçamos, êle apresenta todos os sinais do medo; reagem êles à dôr, ganindo, miando, chorando; até os reflexos se lhe notam, tal como no ser humano.

O seu sistema nervoso vai-se tornando complexo à medida que o animal se adianta: as suas ações e reações são iguais à do nosso. Apresenta a sensibilidade se a provocam; insensibiliza-se se o anestesia. Como se negar o sofrimento físico?

Mas também existe o moral. Há

animais que choram; o cão morre muitas vezes, com o dono; sofrem as agruras da separação e da saudade. Vi uma porca que acompanhava o indivíduo que lhe comprou o báculo (já crescido) com visíveis sinais de angústia, e não deixava de seguir o filho, apesar dos pontapés que lhe dava o desalmado comprador.

Conheci um gato que era a alegria de uma casa pelas suas gatimanchas. Desde, porém, que lhe morreu a dona, não viram mais brincar. Os exemplos multiplicam-se. Podemos pois, ter como certo *que os animais sofrem.*

II — Não se compreenderia, ou pelo menos não compreendo eu, saltos, lacunas, quebras na evolução. Se a vida animal se interrompessê e parasse nos seres inferiores, para recomeçar no homem, a evolução falharia. O vazio seria injustificável. O que se vê nas espécies, como até entre os reinos, é a ligação de um ser a outro; os reinos se confundem nos seus limites, parecendo não ter havido solução de continuidade. O mesmo se dá em todas as manifestações da vida, e o que se nota é o desenvolvimento um tanto vagaroso, mas ininterrupto, por toda a parte. Os laços vão prendendo uns aos outros, os diversos tipos, desde a ameiba ao homem, e tudo indica que o espírito se vai desenvolvendo nesse percurso gigantesco até chegar às criaturas privilegiadas pelo seu saber, pela sua inteligência, pela sua bondade.

E assim estaríamos dentro da evolução biológica.

III — Que os animais têm alma provam-no os factos psíquicos. Ve-lo-emos mais adiante.

IV — A inteligência dêsses seres, com a demonstração, até, das qualidades superiores, da alma, é atestada por uma literatura imensa, cuja citação tomaria todo o nosso tempo e todo o nosso papel. Bas-

ta lembremos alguns casos, que constam, até de antologias.

Uma senhora, que trazia sempre um filhinho consigo, costumava dar frutas e guloseimas a um elefante que passava junto ao lugar onde ela vendia suas mercadorias. Certa vez, no fim da estrada, o elefante toma-se de furor, desprende-se do cornaca, e lança-se como uma tromba, na direção em que se achava a vendedeira. Esta, dementada pelo pânico, foge do lugar, mas alí deixa o filho. Já não havia tempo de salvá-lo, porque aquela massa enorme, correndo com inacreditável velocidade, vinha sôbre êle. Nada fazia prever o que aconteceu, porque o elefante tudo derrubava, em sua passagem. Mas, ao dar com a criança, estacou; apanhou-a com a tromba, pô-la suave, delicadamente de lado, e continuou a sua carreira desenfreada.

Sabe-se com que inteligência e dedicação os elefantes auxiliam os engenheiros, no Oriente. Muitos deles, fazem trabalhos humanos, que requerem perícia, como de colocarem e ajustarem os encaamentos.

As «Seleções» dedicam, constantemente, algumas páginas aos feitos dos animais.

É conhecida aquela história do gato, a quem davam comida, toda a vez que tocavam a campainha. Um dia esqueceram a sua refeição. Êle não teve dúvida, foi ao cordão da campainha e começou a puxá-lo, até que os da casa deram por aquela omissão no horário.

Numa pensão em que eu morei, havia um cachorro, tipo do «vira lata rueiro», êle só achava prazer em estar fóra de portas, e o seu dono achou de pô-lo na linha do bem viver à custa de pancada. De maneira que quando o seu fero senhor estava em casa, êle também se deixava ficar em penates, como um esplêndido modelo de cães bem comportados. Assim, porém, que o homem saía, êle lhe ia nos calcanhares e «farreava» o dia todo. Mas, precisamente à hora em que o patrão estava para chegar, o «farrista» punha-se deitado na esquina que dava para outra rua, por onde despontava o dono. Mas dessa outra rua, se alguém prestasse muita atenção, só via um focinho. É que o cão ficava com o corpo escondido, arriscando apenas um olho, e mal via o façanhudo espancador, tocava-se para casa, onde o aguardava pacífica, sole-

nemente, do lado de dentro da umbreira da porta, enquanto o recém-chegado dizia, ufano: — Deixem lá que a pancada ensina! Vejam se êste saíu mais de casa!...

Para terminar a resenha, um caso de que fui testemunha. Certo cão feroz ficou preso numas grades de ferro; ninguém tinha coragem de soltá-lo, mas um parente meu, homem afoito e forte, Manoel Martins Torres, chegou-se às grades afastou-as e livrou o cão.

Uma vez, indo visitar-lhe o dono, notou que, de uma das janelas, partiam gritos de terror. Eram moças da casa que perceberam solto o ferocissimo animal e o viam encaminhar-se em direção do visitante. Chegando perto dêle, parou, com olhar de ternura e postura humilde. Depois começou a lamber-lhe as mãos.

Os lindes estreitos firmados no programa não me permitem alongar-me nos exemplos. Êste será suficiente para provar que sobrou naquêle sêr o sentimento da gratidão, e debalde perguntariamos porque não teria êle o direito da eternidade, que coube a quanto pérfido, a quanto ingrato mancha a humana raça com o seu indigno proceder.

Podemos pois, assegurar que os animais têm inteligência e até bons sentimentos, que, muitas vezes, nos falham.

V — Os extensos e exaustivos relatos do *psiquismo* não só mostram que os animais têm *espírito*, como que êste sobrevive. Impossível será estender-me em tão vasta matéria, mesmo com qualquer cópia de exemplo, em vista das encóspias em que estou metido pelas sábias imposições do Manifesto.

Basta lembrar uma obra de Bozzano sôbre o assunto — *Animali e Manifestazioni Metapsichiche*. Por ela e por muitas outras se verifica que os fenômenos psíquicos dos animais correm paralelamente com os fenômenos psíquicos humanos.

Os animais, ora servem de agente, ora de paciente nas manifestações telepáticas: percebem os fenômenos supranormais, ora singularmente, ora coletivamente com outros animais e com os homens; vêem fantasmas e a sua realidade fica demonstrada; por sua vez os homens vêem, percebem, sentem os fantasmas dos animais; ha localidades infestadas pelos animais, e por vezes os animais percebem, antes do homem, as casas mal assombradas; ha visões e identificações completas,

perfeitas dos animais falecidos; existem as materializações dos animais.

Aqueles que se acham familiarizados com a literatura psíquica, dispensam a demonstração desses capítulos, o que aliás não permitiriam as raias desta tése.

Os estudos psíquicos provam, pois, a sobrevivência animal com os mesmos processos e com a mesma segurança com que prova a sobrevivência humana. Não póde haver dúvida para quem conhece o assunto.

Os factos demonstram, ainda, que os animais reencarnam.

Só faltaria, pois, estabelecer a «responsabilidade animal» para que a matéria ficasse isenta de qualquer dificuldade. Êste porém é que é o ponto «nevrálgico», para usar de uma expressão em moda.

A resolução ainda não é para nossos dias. Déla, porém, já nos aproximamos, pelos pontos que ficaram assentados. Se o animal pensa, reflete, age, sente, sofre, terá sua responsabilidade relativa.

Veja-se bem que eu ainda não afirmo o que quer que seja: lanço as matérias para a edificação.

Notar-se-á que o animal, na sua mais elevada categoria, pouco difere do selvagem. E' a cadeia que se aproxima. O selvagem é um bruto: nêle é completa a anestesia sentimental; não tem caracter, não têm princípios de honra; unem-

se para a defesa comum; nada respeitãm, não conhecem os direitos alheios; domina-os o egoismo. Vida vegetativa, instintiva, sem ideais, tendo por escôpo único o alimento e a reprodução.

Pouco divergem, pois, dos sêres que lhes ficam um tanto mais abaixo. Mas os selvagens sofrem. Aí não é só a evidência. Eles o declaram, êles o confessam, êles o demonstram.

E qual a responsabilidade que êles possuem, dados os seus sentimentos embrionários, e acanhado de sua inteligência, a fereza dos seus costumes?

Não sabemos porque os nossos filósofos e psiquistas extremariam tanto do selvagem os animais, achando que naquelles a doutrina se acha perfeitamente explicável, enquanto é preciso nestes, torcer a verdade, para que ela deva ser explicada.

Enquanto não assentamos, porém, o caso da *responsabilidade*, ao qual não tenho a coragem de abeirar-me, poderemos estabelecer um princípio, absolutamente acôrde com a doutrina:

Os animais se encontram dentro da linha de progressão universal, e os seus sofrimentos, as suas vicissitudes, as suas vidas, são necessários à sua evolução.

Icaráí, 22 de Março de 1946.

(a) *Carlos Imbassahy.*

Crônica Estrangeira

Relatório

Congresso Internacional dos Espiritualistas, em Londres

Por *Frederico Duarte, Manchester*

Na primeira sessão que teve lugar no sábado, 4 de Setembro, os delegados das várias nações discutiram a nova Federação Internacional dos Espiritualistas, seus princípios, organização, nomeando comités para estudar esses diversos problemas.

O senhor Lorraine Haig, Presidente da União saudou a todos os presentes, manifestando o valor da nova Federação

perante a sociedade moderna de todos os países mundiais.

Aconselhou a todos que era sua opinião a Federação ser baseada exclusivamente sob um ponto de base democrática e não aristocrática. Apelou para todos serem leais e fieis aos planos a serem adotados. O senhor Haig foi por unanimidade nomeado o Presidente do Congresso.

O secretário geral o senhor Stewart, falou então sôbre o facto de que todos os papeis, arquivos, livros, etc., etc., da antiga Federação tinham sido completamente destruídos durante a ocupação da cidade de Paris pelos Nazis, e assim não havia nenhum record.

No dia seguinte, domingo, os dele-

gados e amigos, assistiram a uma muito interessante demonstração por um grupo de crianças que os saudaram em várias línguas. Esta reunião fez-se no salão Vitória, sendo organizada pela S. N. U. (União Nacional dos Espiritualistas). Como já devem saber os prezados leitores, as línguas oficiais do Congresso foram a inglêsa e a francêsa. Muitos dos delegados presentes falavam bem a primeira.

O senhor Fruin presidiu a essa sessão tendo sido dada as boas vindas pelo secretário senhor Mack.

Houve depois à tarde um serviço religioso na Associação Espiritualista de Marylebone, onde o presidente da referida Associação, o senhor Percy Hitchcock, discursou muito bem sôbre a causa do Espiritualismo em face do Cristianismo.

Na segunda-feira seguinte foram lidos relatórios, etc., por vários dos delegados ao Congresso.

O delegado da França manifestou que devido à actual situação política no seu país, a ocasião não é pois oportuna para o restabelecimento em Paris da Federação, concordando assim a que o melhor meio é o de sua séde ser agora em Londres. Manifestou mais que infelizmente não há lá em França, bons médiuns.

A mensagem do ilustre confrade Dr. Freire, foi traduzida por mim em inglês, e pedi ao meu prezado amigo, Ernest Thompson, o editor do «Two Worlds» para a ler. Foi muito bem recebida por todos os presentes, os quais foram também informados de que no nome da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas e do «Além», podia afirmar que continua em Portugal a mais intensa campanha de propaganda sôbre a nossa causa, a qual está felizmente muito bem organizada.

O doutor Boni da Itália informou os presentes que não havia no momento no seu país uma organização progressista e viril, posto que hajam vários centros espiritas isolados, interessados na sua maioria sob o aspecto científico.

O delegado suéco disse que o número actual de membros da sociedade de Stokolmo é de umas 600 pessoas de ambos os sexos.

O delegado da Grécia informou o Congresso que foi fundada em Atenas a Aliança Espiritualista e que existem por várias partes muitos «Home Circles» que estão fazendo muito bem pela justa causa do Espiritismo naquêle país. O mes-

mo delegado revelou que existem no seu pequeno país umas 30 Associações bem organizadas e que no momento estão organizando uma Escola para médiuns.

O delegado da Holanda disse haver no seu país a Associação dos Espiritualistas com 800 sócios filiados, e há ao mesmo tempo um movimento espiritualista-cristão.

Foi o Congresso informado do facto de o doutor Roesermueller, não ter podido sair da Alemanha para assistir ao Congresso pelo facto de não lhe ser concedida a visa no seu passaporte para poder viajar. Mandou assim um seu relatório o qual foi lido aos congressistas, descrevendo o grande desejo dos sinceros espiritualistas alemães de se organizarem, mas que desgraçadamente faltavam-lhe os recursos monetários, livros, jornais, etc., lutando também com a grande dificuldade de conseguir edifícios e salões ou quartos para ali se efetuarem suas reuniões.

O delegado dos Estados Unidos da América do Norte informou o Congresso de que o Espiritualismo é respeitado como uma religião, sendo reconhecido por ato do Congresso.

Que existe ali, como lhe parece ser o mesmo em toda a parte do mundo, a necessidade de treinar conferencista e médiuns, capazes de lidar com o assunto. Afirmou porém que o Instituto Morris Platt comprou um grande terreno onde se vai brevemente construir uma Escola Moderna para o treino e estudo das Ciências Psíquicas.

Um cavalheiro presente manifestou não estar ali presente qualquer representante da Espanha atendendo ao facto de os Espiritualistas daquêle país terem receio de manifestar-se, pois isso lhes acarretaria o desgosto de se verem atirados dentro duma prisão. Mas uma alegação muitissimo curiosa e que fez rir a todos foi a êsse cavalheiro poder afirmar a todos que «o General Franco emprega os serviços de um dos mais famosos médiuns da Espanha!»

O senhor Lloyd da Africa do Sul anunciou que o movimento espiritualista já existe ali há mais de 60 anos, havendo um grande número de igrejas espiritas, etc.

Vários discursos foram proferidos, destacando-se aquelles feitos pelos confrades Saw Desmond, Mr. Hitchcock, Dr. Hettinger, Dr. Dingwall, A. T. Sherriff, Madame Ellen Warren, etc.

Donativos de perto de £ 500 foram recebidos para os fundos da Federação.

Foi aprovada por unanimidade a proposta do senhor Noah Zardin para que todos os anos o fim de semana mais próximo ao dia 10 de Setembro seja observado como o renascimento, (aniversário), da nova I. S. F. (Federação Internacional dos Espiritualistas).

O senhor Rolf Cortson sugeriu a que a próxima reunião da Federação seja efetuada na Suécia sendo isso aprovado.

Dos vários países da América do Sul se receberam saudações, e apoio moral e espiritual, e ao finalizar êste meu relatório desejo saudar a todos, particularmente os nossos irmãos brasileiros e portugueses.



Uma experiência após uma operação cirúrgica

«Revue Spirite»

Uma recente experiência por que passou M. W. Adais Roberts, pôde lançar alguma luz sôbre a causa de tão frequente noticiário necrológico: «Faleceu após a operação», no caso em que a operação, coroada de pleno êxito, é seguida pela morte. Passamos a palavra a M. W. A. Roberts:

«Desejo sugerir que a morte não é devida ao choque que sofre o sistema nervoso em consequência da operação, mas à dificuldade que experimentam os dois corpos para se reunirem, o corpo físico e o corpo etéreo, depois que êste último foi artificialmente desassociado pela anestesia.

Deixa-se geralmente aos pacientes o cuidado de «voltarem a si» sob a vigilância de uma enfermeira, e daí a minha firme convicção da necessidade de instruí-las sôbre a importância do corpo etéreo e ensinar-lhes a maneira de agir para facilitar sua reunião com o corpo físico.

O corpo etéreo não pôde permanecer isolado por muito tempo, e sou de parecer que, quando o esforço de separar foi muito longo e muito penoso, o paciente se abisma e «morre», por ignorarem as pessoas responsáveis a aplicação das leis psíquicas.

E eis aquí a minha própria experiência. Certo homem, uma mulher e eu estavam na mesma clínica para uma

operação sob anestesia. Tínhamos o mesmo corpo médico para nos operar. Fui eu o primeiro a ser colocado sôbre a mesa de operação, mas os outros dois pacientes despertaram e puderam conversar e fumar duas horas antes de eu recuperar o uso de meus sentidos. Senti-me como geralmente me sinto após um breve transe, mas, com o anestésico, maior foi o perigo, porque eu não podia voltar a mim.

Lembro-me de ter estado em discussão com uma falange de formas atléticas que suavemente me impeliam para diante, assediando-me por todos os lados, e pronunciando frases como estas: «Tu podes voltar», «Nêste mesmo instante», «A tua vinda será para outra vez», «E' a hora, vai-te agora», etc

Foram estas as primeiras palavras que pronunciei: «E' a hora», e a enfermeira que me assistia respondeu: «Sete horas e vinte». Supondo que eu me informava da hora!

Depois, por mais duas horas e meia, tive a impressão que não mais me reuniria ao corpo. Alguns fragmentos de palavras lúcidas; um ou dois clarões de completa lucidez de meu cérebro consciente, mas persistia a terrível rigidez do meu corpo. A enfermeira meteu-me alguma coisa na mão, mas não pude pegá-la; eu queria enxugar-me a bôca, mas só consegui alcançar minha orelha e durante todo êsse tempo, eu percebia os apelos urgentes que meu corpo espiritual me dirigia para reintegrar o corpo físico.

Êle parecia estar estreitamente ligado mas acumulado, do lado de fóra, à esquerda e sôbre as costas do meu corpo físico, e com mais densidade na espádua e por trás da orelha esquerda e o crânio. Havia um estranho agrupamento de ansiedade e de urgente solicitação, como se meu corpo estivesse fechado para o espírito do lado de fóra e êste estivesse a bater repetidamente para que se lhe abrisse antes que fosse demasiadamente tarde.

Para o fim, a diretora, com quem eu antes conversára sôbre assuntos psíquicos, veio sentar-se à minha cabeceira. Eu nem sequer podia formular meus pensamentos. Mas num sobressalto de lucidez, compreendi que era necessário fazer alguma coisa de definitivo. Apoderei-me da mão da diretora para haurir fôrças e em pensamento (porque eu não podia falar), ordenei ao meu espírito para que se reunisse ao meu corpo físico.

Gradualmente, a «forma» aglutendada ao meu lado esquerdo, pareceu dissolver-se e se reabsorver no meu corpo físico, ao mesmo tempo que as fôrças e sensações voltavam às minhas mãos, que até então, estiveram como mortas. Então reconheci-me como uma pessoa e não mais como dois sêres separados. A diretora mudou a posição do meu leito e,

meia hora mais tarde, encontrei-me no meu estado normal.

Perguntei-me depois, o que teria acontecido se não tivéssemos alguns conhecimentos das leis psíquicas elementares. Estou convencido que a ignorância desses factos e dessas leis pôde explicar certo número de mortes após operações.»

ESPIRITISMO NO BRASIL

Comemoração do aniversário de Allan Kardec

A primeira festa do Conselho Consultivo de «Mocidades Espíritas do Brasil»

Transcorreu animadíssima a comemoração do aniversário de Allan Kardec, o primeiro programa festivo-doutrinário que o CCMEB realizou na séde da *Sociedade de Medicina e Espiritismo*, sábado, 2 de Outubro.

A solenidade foi presidida pelo prof. Leopoldo Machado, ladeado pelos membros do Conselho, que tiveram ação no programa: dr. Artur Lins de Vasconcelos, Orlando Sobreira, Atlas de Castro, Nelson Batista de Azevedo, J. B. Chagas, dr. Lauro Sales. A sessão começou com a canção da Alegria Cristã, seguindo-se-lhe a prece. As peças oratorias, todas expressivas e sintéticas, para 15 minutos no máximo, sôbre os aspectos diferentes da Doutrina Espirita, foram proferidas pelo dr. Lins de Vasconcelos, Antonio Paiva Melo, dr. Lauro Sales, Atlas de Castro e J. B. Chagas. Entre uma e outra peça, números de arte e testes doutrinários, por conta dos moços.

A nota mais interessante do programa foi o lançamento oficial da *Festa do Livro Espirita*, da iniciativa do CCMEB e por ele patrocinado, a realizar-se a 18 de Abril de 1949. Como será a *Festa do Livro Espirita* foi revelado, metodicamente, nos intervalos. Será um movimento de âmbito nacional, realizado num teatro, dentro de um programa original e atraente, que será, a seu tempo, publicado.

Muitos jovens dos dois sexos declamaram lindas poesias alusivas ao Codificador e á Doutrina codificada.

Sorteiu-se o Livro do Dia e houve

o derrame de «Livros... livros a mancheias para o espírita estudar», sendo que seis confrades beneficiados com volumes, ofertaram-nos para a *Festa do Livro*, como os primeiros recolhidos, sendo esta atitude recebida entusiasticamente.

O programa durou três horas sem cansar ninguém, felizmente, tantas foram as vibrações fortes, a alegria reinante. O salão esteve a cunha.

A CELJ e a Comemoração de Kardec

A CELJ (Confraternização Espirita Lar de Jesus) comemorou festivamente, o aniversário do Codificador, com um programa interessante e original.

A comemoração foi na séde do C. E. «Fé, Esperança e Caridade», em Nova-Iguassú, sob a presidência de Leopoldo Machado.

O programa foi dividido em três partes. A primeira, a *Glorificação do Codificador e da Codificação*, falando, respectivamente, sôbre Allan Kardec antes, durante e depois da Codificação, prof. José Jorge, Atlas de Castro e Waldemiro de Faria Pereira; e sôbre a Codificação vista pelo espírita militante, pela mulher e pelo jovem espírita, Marcelino Marques, d. Olga Siqueira e Ernane Carvalho. Cada orador, representando um centro confraternizado. Abstal Loureiro, representando o Conselho de Mocidades Espíritas do Brasil, falou sobre a mocidade e a formação moral de Allan Kardec. Discursos de 15 minutos, sintéticos e substanciais, todos.

A seguir, a posse da diretoria da UMERNI (União das Mocidades Espíritas do Ramal de Nova-Iguassú) assinando todos os empossados o termo de posse.

E a comemoração do 10.^o aniversário da fundação do Albergue Noturno

Allan Kardec, falando sua fundadora, d. Marília F. Almeida Barbosa e a representante da Assistência aos Necessitados, d. Isaura Silva.

Depois, a parte litero-teatral, a cargo da Mocidade Espírita, com a distribuição de postais comemorativos do ato, sorteio do Livro do Dia e derrame de «Livros a mancheias para o espírita estudar».

Da parte teatral, a apoteose a Allan Kardec, a cargo das crianças do Lar de Jesús e da M. B. I. foi a mais significativa. E o quadro dramático, *Encontro Feliz*, representado por Elisabete Perrone, Silvino Moreira e Maria Luiza Babo.

O salão do centro, repleto. E muito entusiasmo e vibração na assistência.

O Espiritismo em Santa Catarina

Aqui estou em cumprimento de incumbência que recebi da Sociedade Brasileira de Geografia: representá-la no I.º Congresso de História Catarinense que se está realizando no ciclo comemorativo da Colonização Açoriana desta ilha de Ijurirêmirim, como a chamavam os Carijós, ou de Santa Catarina, como a denominaram os reinóis. Quero, uma vez que assim é, fazer um pouco de História do Espiritismo em Santa Catarina, em colaboração para os jornais espíritas que a puderem publicar...

Foi na cidade de São Francisco do Sul que se fundou o primeiro Centro Espírita do Estado de Santa Catarina. O acontecimento histórico, teve lugar em 21 de Julho de 1895, poucos meses depois dos trágicos acontecimentos da Revolução que, irrompendo concomitantemente no Rio, com a revolta da Esquadra e no Rio Grande do Sul, com a guerra civil, ensanguentou os três Estados meridionais do país. A instituição, contando já 53 anos, mantém-se, como no seu início, fiel aos seus compromissos de ordem moral: dedica-se à prática da caridade sem reclames e humildes conservam-se os seus obreiros, mantendo, fraternos, o sentido cristão na comunidade espírita, em um pobre mundo que se materializou superlativamente. Breve terão mais amplas acomodações para os seus trabalhos, em a

nova séde que está sendo preparada com os recursos de uma importante doação provinda do altruístico e esforçado confrade Artur Lins de Vasconcelos Lopes, residente no Rio.

Lages, Mafra, Laguna, Itajaí e muitas outras localidades do Estado, beneficiam-se com a atividade de organizações espíritas; onde, porém, a Doutrina exerce em grande escala os seus salutares efeitos, é na bela capital de Santa Catarina, Florianópolis, outróra Destêrró, para onde convergiu no XVIII século a imigração açoriana, constituída de elementos de índole mansa, operosa e de costumes simples, que lhes permitiram benéfica miscigenação com os autóctones da ilha, os mansos e hospitaleiros Carijós, da grande nação tupi-guaraní, possuidora das terras litorâneas do nosso país, desde épocas remotas e de onde foram sendo expulsas, pelos conquistadores, as diversas tribus mais aguerridas ou que não puderam suportar os maus tratos dos invasores. Regra geral, porém, a miscigenação ariano-brasilíndia operou-se em quasi toda a parte, produzindo o homem atual brasileiro, de costumes simples, caracter hospitaleiro e índole pacífica. Onde mais vivas se acentuam essas características é nas plagas catarinenses. Parafraseando uma expressão de Allan Kardec, com relação a Paris e Lion, poderíamos dizer que, «se o Rio de Janeiro é o cérebro do Brasil, Florianópolis é o seu coração» — o que também é procedente com respeito ao Espiritismo.

A prática da Doutrina toma, aquí, os rumos do sentimento cristão: organizam-se os grupos visando o exercício da caridade. E são os mesmos em número respeitável, muitos dirigidos por operários — o que é mais um traço a aproximá-los daquelas associações espíritas que Allan Kardec tanto enalteceu, em suas visitas a Lion. Foi, efetivamente, para permitir uma solução pacífica da escaldante «questão social», que Deus, em sua misericórdia, determinou aos Espíritos de Luz, «que são as virtudes dos céus» descerem ao ambiente terreno, para o exercício de uma atividade constante e sistemática, de ordem religiosa, uma vez que desprezadas foram pelos seus filhos, incarnados no planeta, as sábias advertências e os suaves ensinamentos e dignificantes exemplos que lhes deixára o divino Nazareno. Retirando das mãos dos homens, para confiá-la

às mãos dos desincarnados, a direção da Igreja do Cristo, patenteou-se a Justiça Divina em toda a sua magnanimidade; mas a realidade humana patenteou-se também em toda a sua hediondez! Em verdade, a grei humana decaíra da confiança do Pai Celestial. Dezenove séculos de experimentação e de esforços constantes, de ação profícua do Cristo, por intermédio de apóstolos e mártires de sua Doutrina, foram mais do que suficientes para demonstrar que o homem terreno é incapaz de manter a compostura religiosa que se lhe requer, em meio dos interesses materiais, pois a experiência dos séculos prova que todas as inspirações do Alto acabam por serem empregadas, vilmente, pelo homem terreno, para satisfação de seus grosseiros interesses mundanos! Até mesmo a Religião! *Horresco referens!*

Pois o mesmo dar-se-ia com o Espiritismo, se confiado fôsse aos homens, exclusivamente aos homens; o seu tirocínio. Prova-o o desprêzo com que o trataram na Europa, preferindo as artimanhas satânicas do marxismo e quejandas doutrinas impregnadas de materialismo e de ódio!

Reanima-se, nas terras de Santa Cruz, graças à assistência dêsses Espíritos de Luz, sob a direção de Jesus, o fogo sagrado das virtudes cristãs — e, mais do que em qualquer outra parte, em Santa Catarina, especialmente na sua capital, do que posso dar pessoal testemunho, pois muito, em verdade, tenho-me ocupado em visitar os centros e grupos, vendo em todos o Espírito do Cristianismo, o sentido da Caridade Espírita, praticado com exação e sublimado carinho. Mas, é preciso que estejam todos em oração e vigilância, como lhes recomendou o Mestre e o repetiu, em nome do Cristo, agora, ao desincarnar, um dos chefes de fila do Espiritismo em Santa Catarina — o operoso e humilde médium Antonio Melo, cujo Espírito libertou-se dos liames da carne no dia 1.º do corrente, ao alvorecer do dia. Foi um dos mais exemplares trabalhadores da seára. Bemaventurado nos céus!

Florianópolis, 4 de Outubro de 1948.
(No ciclo das comemorações açorianas).

Arnaldo S. Thiago.

O Esperanto e o IV Congresso Espírita Nordestino

Moção de Solidariedade

O «IV Congresso Espírita do Nordeste», reunido na cidade de Natal, sob o patrocínio da Federação Espírita do Rio Grande do Norte e auspícios da Fraternidade «Raios de Luz», da P. R. A. 8, Rádio Clube de Pernambuco, com a presença de delegações de todo o nordeste e representado por vários elementos do sul do país, notadamente por uma das figuras de maior projeção do Espiritismo nacional, Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes presidente da Coligação Nacional Pró Estado Leigo, atendendo a uma sugestão de um dos congressistas, o nosso confrade Arlindo Colaço, presidente honorário do Tabajára Esperanto Clube, da Paraíba, resolve enviar esta moção de solidariedade à «Associação Potiguar de Esperanto», nas pessoas de seus presidentes Apéles Lemos, Arlindo Castor de Lima e Jeronimo dos Santos.

Mesa do IV Congresso Espírita do Nordeste, reunido no Teatro Carlos Gomes, na cidade de Natal, Capital do Estado do Rio Grande do Norte (Brasil), na noite de 3 de Outubro do ano de 1948.

(Ass.) Felipe Soares de Melo, Secretario Geral do IV Congresso E. Nordestino, Desembargador Sinval Moreira Dias, presidente honorário; J. Anselmo, presidente; J. H. Santana, vice-presidente; Dr. A. Pinheiro Ramos, da delegação de Pernambuco; Manuel Felix Vieira, da delegação de Pernambuco; José Gonçalves de Oliveira, presidente da União E. Sergipana; Laurindo Cavalcante, presidente da Mocidade E. Paraibana; João Miguel de Moraes, presidente da Liga E. Campinense e da União E. Campinense; Raul Vidal Lemos, da Delegação de João Pessoa (Federação Espírita Paraibana) e Dr. Pedro Correia, da Cruzada Espírita Olindense, Centelha de Jesus, João Batista, Verdade e Luz, Escola Central dos Legionários do Quilo e do Orfanato Cecy Costa.

* * *

Telegrama, remetido no Congresso, em 3-x-48: — Congresso E. Nordestino — Rua Camboin — n. 715 Natal — ASSOCIAÇÃO POTIGUAR de ESPERANTO vg acusando recebimento circular núme-

ro um vg formula votos pleno êxito Quarto Congresso E. do Nordeste Et. Antecipadamente agradece sua colaboração causa esperantista.

A Diretoria.

* * *

Apontamentos tomado pela A. P. E. para o futuro Relatório, a ser apresentado em 28-9-49: Dia 5-10-48:

VISITA de uma comissão de representantes do IV Congresso E. do Nordeste composta dos snrs. Arlindo Colaço, escritor paraíba, dr. A. N. Pinheiro Ramos, membro da delegação pernambucana, João Miguel de Moraes, da Liga E. Campinense e Tenente Felipe Soares de Mélo, secretário do Congresso. Foram portadores de u'a moção de solidariedade, que nos foi enviada por sugestão do nosso samideano Arlindo Colaço, presidente honorário do Clube Tabajara de Esperanto, moção essa, apresentada na mesa do Congresso, reunido no Teatro Carlos Gomes, na noite de 3 de outubro de 1948, que está assinada pelo snr. José Anselmo, presidente do Congresso e pelos representantes dos Estados de Sergipe, Pernambuco e Paraíba.

Os visitantes foram fotografados, em quatro posições, em companhia dos nossos associados Apéles Lemos e Arlindo Castor de Lima. As despesas fotográficas, que orçaram em Cr.\$300,00 (trezentos cruzeiros), foram pagas pelo jornalista Arlindo Colaço, que também doou á A. P. E. a importância de Cr. \$ 150.00, tornando-se nosso sócio benfeitor, de acôrdo com o art. 3. dos nossos estatutos em vigor.

(Divulgação da Diretoria da Associação Potiguar de Esperanto.

Concurso de Artigos, Frases e Cartazes sôbre o Instituto Espírita de Educação

O Departamento de Educação da União Social Espírita institui o seguinte concurso, para o qual chama especialmente a atenção dos jovens espíritas de todo o Estado:

1.º) — De 25 de agosto a 25 de dezembro de 1948, fica aberto, na Secretaria do Departamento de Educação, um concurso de artigos sôbre a necessidade de organização do Instituto Espírita de Edu-

cação do Estado de S. Paulo e a função que êsse organismo terá na formação de uma mentalidade espírita no país.

2.º) — Os artigos devem ser feitos, no máximo, em duas laudas de papel de ofício, datilografadas em dois espaços, numa só face, e versar exclusivamente sôbre o assunto acima.

3.º) — No mesmo período de tempo, ficam abertos os concursos de frases e cartazes sôbre a necessidade da existência de educandários espíritas.

4.º) — As frases devem ser curtas e incisivas, podendo cada autor concorrer com quantas quiser.

5.º) — Os cartazes poderão trazer dizeres elucidativos.

6.º) — Para os artigos haverá os seguintes prêmios: 1.º colocado, as obras de Allan Kardec; 2.º colocado, as obras de Gabriel Delanne; 3.º colocado três obras de Carlos Imbassahy. Todos êsses livros em encadernação especial.

7.º) — Para as frases: 1.º colocado, a coleção de «Nosso Lar», de André Luiz; 2.º colocado, «Parnaso de Além Túmulo» e «Coletanea do Além», de Francisco Candido Xavier; 3.º colocado, uma coleção do 21.º ano da «Revista Internacional do Espiritismo», de Matão. Todos encadernados.

8.º) — Para os cartazes: 1.º, 2.º e 3.º colocados, quadros que serão oportunamente escolhidos pelo Departamento.

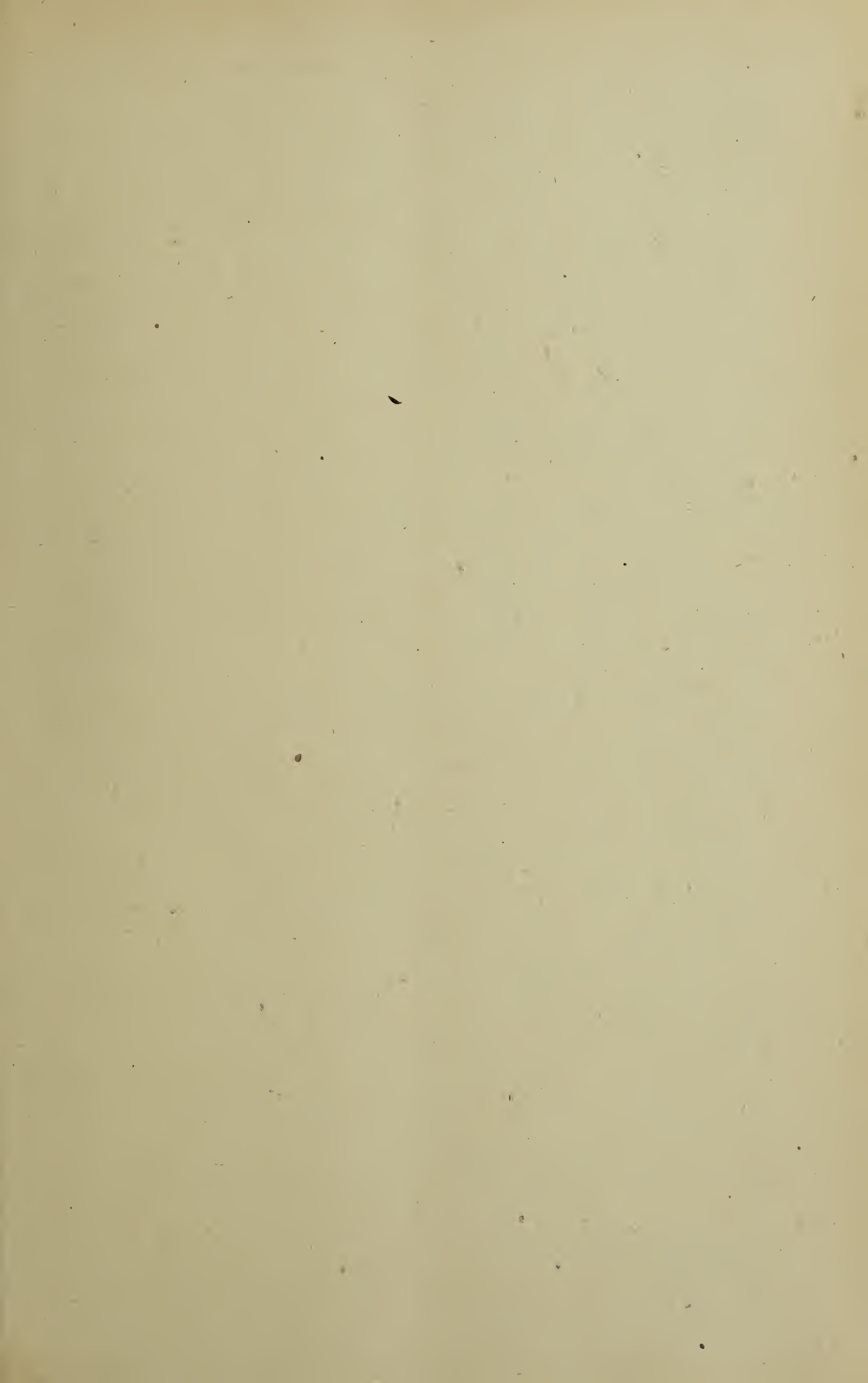
9.º) — Para os autores que merecerem menção honrosa, em todos os concursos, será conferido o prêmio de um volume encadernado do «Novo Testamento».

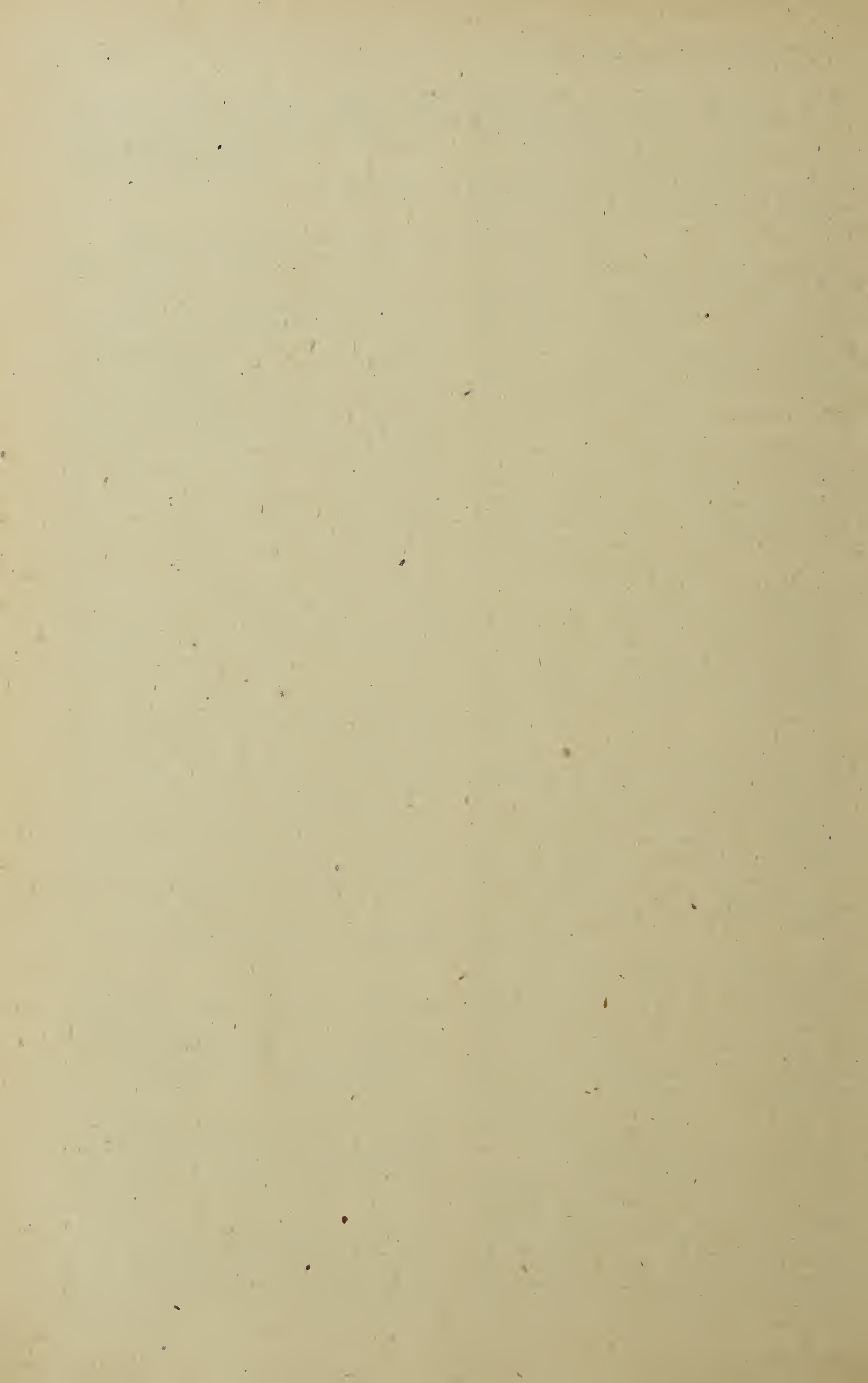
10.º) — Todos os concorrentes poderão apresentar quantos trabalhos acharem convenientes.

11.º) — Os trabalhos premiados serão utilizados pela U. S. E. em publicação nos jornais e revistas espíritas, ou por outros meios que a entidade julgar convenientes.

12.º) — Dentro de um prazo de dez dias, após a proclamação dos resultados do concurso, os cartazes não premiados poderão ser retirados, na secretaria da U. S. E. pelos autores.

13.º) — Todos os trabalhos devem vir assinados com pseudônimo e trazer, em envelope fechado, de maneira bem clara, o nome e o endereço do autor, especificando também a organização espírita a que pertence, nome e endereço da mesma. Remessa para: Departamento de Educação da U. S. E., Av. Irradiação, 152—S. Paulo.





Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Director: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$35,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

